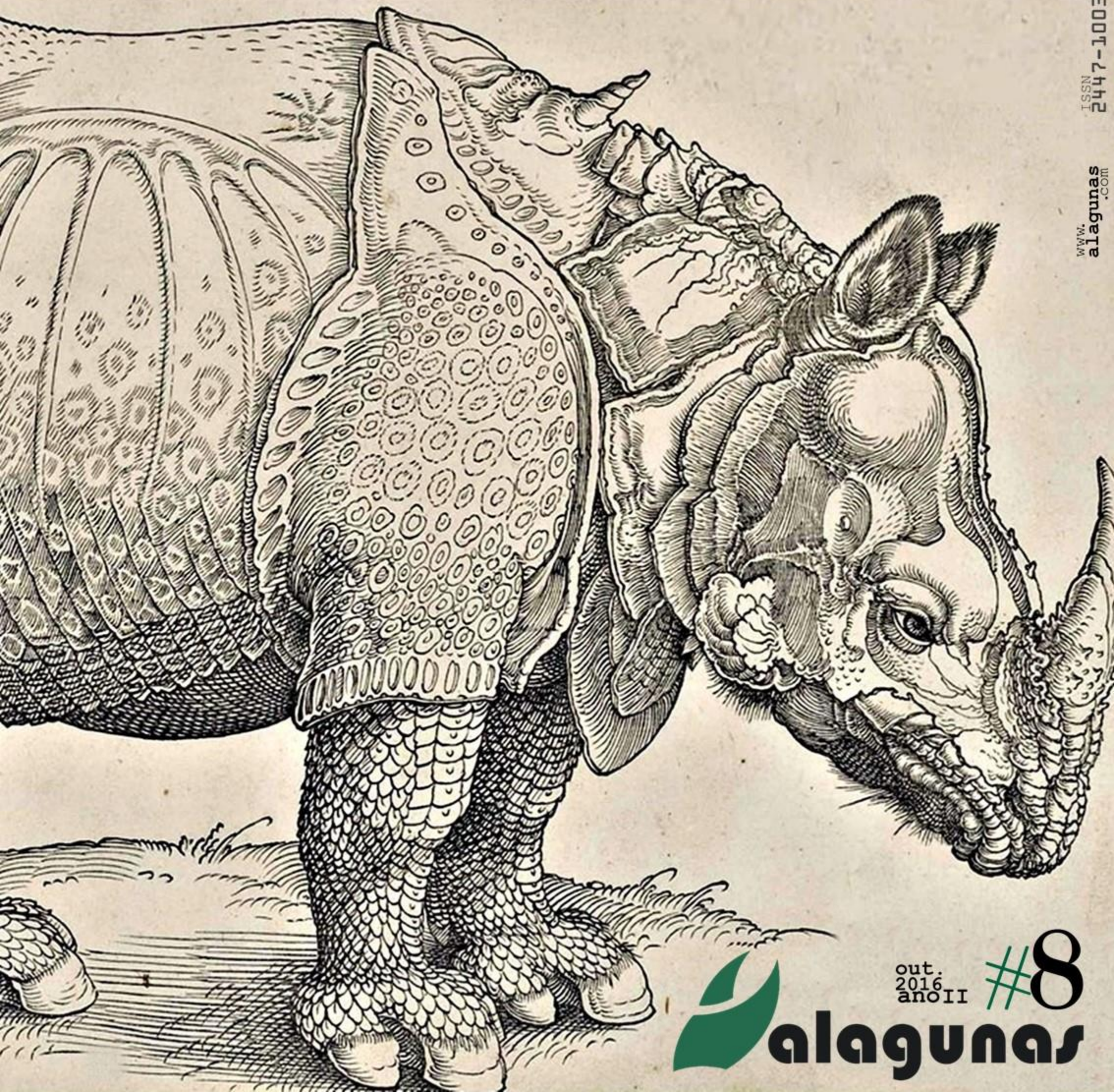






As edições da **Revista Alagunas** não possuem direitos autorais.
Podem e devem ser reproduzidas para fins não comerciais no
todo ou em parte, além de ser liberada sua distribuição,
preservando a fonte e o nome do autor.

revista@alagunas.com 

www.alagunas.com 

/revistaalagunas 

alagunas_ 

revistaalagunas 

Editor
Geovanne Otavio Ursulino

Editores adjuntos
Jarisson Albuquerque
Mácllen Luan
Paulo César Moreira

Conselho Editorial
Alberto Lins Caldas
Carlos Moreira
Patricia Laura Figueiredo

Autores
Alberto Lins Caldas
Amanda Prado
Ana Iris Santos
Antônio LaCarne
Bárbara Bento
Carla Andressa
Eliaquim Timóteo da Cunha
Fábio Fernandes
Felipe Barbosa
Gabriel Folena
Gabriela Hollanda
Gabriele Rosa
Geovanne Otavio Ursulino
Heitor Monteiro
Jaciel H. de Almeida Souza
João Anyways
Josué Seixas
Karen Pimentel
Leonardo Viana
Lisley Nogueira
Lucas Litrento
Luna Salazar
Mácllen Luan
Marcus Vinicius
Mariana Basílio
Matheus José Mineiro
MLuiza Villela
Paulo César Moreira
Philippe Wollney
Richard Plácido
Sara Albuquerque
Tiago D. Oliveira
Wilton Cardoso

ISSN
2447-1003

out.
2016
ano II

#8
rhino
cerus



O famoso viajante Marco Polo, servo do grande Khan, em uma de suas muitas viagens, chega a Java. Na longínqua ilha (hoje, a principal da Indonésia) encontra algo que ele descreve como “uma besta muito feia de ver (...) tem pelo de búfalo e pés de elefante” e faz uma ressalva: “Não é, como se diz por aqui, que ela se deixa pegar como uma donzela, mas acontece o contrário”. Polo estava diante do que hoje conhecemos como um rinoceronte. Mas, em sua crônica, garante ter encontrado um unicórnio.

Ao invés de somar mais uma espécie ao seu catálogo, Polo se utiliza dos seus conhecimentos prévios para enquadrar aquela “besta” como um unicórnio. Albrecht Dürer, artista renascentista, com base em relatos de marinheiros, desenha o que seria por dois séculos a cópia fiel de um rinoceronte (ao menos para a Europa). A obra, intitulada *Rhino*, ficou conhecida como “o rinoceronte de Dürer” – e ilustra a capa desta edição da Revista.

Marco Polo, em especial, faz uso da mitologia do seu próprio mundo para lidar com o “novo”, com o outro. Pondo, para nós hoje, em questão a legitimidade do Real. Kant, filósofo setecentista, desconsidera a possibilidade da compreensão do “em si”, restando apenas o que ele chama de “crítica”. Nietzsche, morto no limiar do séc. XIX, estabelece o conceito de “perspectivismo” como uma forma de lidar com o Real: o “em si” é inalcançável (e por que não inexistente?) – nos restando o posicionamento perspectivo diante da Realidade.

Publicada em 30 de outubro de 2016, com a contribuição de textos de 33 autores em suas 90 páginas, **Alagunas #8: Rhinocerus** se propõe a ser um posicionamento político (uma perspectiva é uma posição política), de forma dialética, num radical processo de dissolução dos fantasmas que nos cercam (afinal, “tudo o que era sólido e estável se desfez no ar”) e de proposta de construção duma literatura que, de cabeça erguida, possa olhar nos olhos entre os chifres do rinoceronte e enfrenta-lo em sua devida forma de existência.

Editorial



Editorial	um	20 e oito	ferramentas metalúrgicas Mateus José Mineiro
o espinho que te ferve a carne Luna Salazar	quatro	30	Cativeiro Carla Andressa
Corvo Carla Andressa	seis	30 e um	MariaJoão MLuiza Villela
cesar e as chamuscas Alberto Lins caldas	sete	30 e dois	Me resta ser Richard Plácido
antropofagias Mariana Basílio	doze	30 e quatro	aproveita que não tem... Sara Albuquerque
os trapeiros da urbe Wilton Cardoso	quinze	30 e seis	Carajo, que bigode Josué Seixas
Minha mãe Mulher de meu pai Jaciel H. de Almeida Souza	10 e seis	30 e oito	Ana Gabriele Rosa
neutrões Sara Albuquerque	10 e oito	40	invasão Geovanne Otavio Ursulino
peixe podre para o jantar Luna Salazar	10 e nove	40 e seis	Íntimo Bárbara Bento
malanguinho é rei das matas Philippe Wollney	20 e um	40 e oito	Severo Lisley Nogueira
rememoremos Ana Iris Santos	20 e dois	40 e nove	Natureza Morta Gabriele Rosa
Daqui para frente Tiago D. Oliveira	20 e três	50 e dois	quarto Mácllen Luan
Marinheiro Antônio LaCarne	20 e quatro	40 e quatro	Cadáver MLuiza Villela
rua nova, rua crescente Marcus Vinicius	20 e seis	40 e cinco	Hafiz Osman Philippe Wollney

tecido Felipe Barbosa	50 e seis
Espinha vertical Antônio LaCarne	50 e sete
Coroa de espinhos Gabriel Folena	50 e oito
Loucos Leonardo Viana	60
Tomate em pé de maçã Gabriela Hollanda	60 e dois
Biografia de uma nuvem Lucas litrento	60 e quatro
elysium Amanda Prado	60 e seis
Internação Bárbara Bento	60 e sete
Outras metamorfoses Tom Molyan (trad. Pedro Fortunato)	60 e oito
Expire Heitor Monteiro	70
apollonia Felipe Barbosa	70 e um
Pica Jaciel H. de Almeida Souza	70 e dois
Do pântano mo mangue Paulo César Moreira	70 e três
sacudidos no mar... Eliaquim Timóteo da Cunha	70 e seis

70 e oito	esquecemos a janela... Ana Iris Santos
80 e um	Sem cigarros é tudo... Josué Seixas
80 e dois	a todos os homens que... Karen Pimentel
80 e quatro	dos homens Mácllen Luan
80 e cinco	meu corpo de porco Luna Salazar
80 e seis	Sobre os autores
80 e nove	Dezembro16 Antologia

índice



out.
2016
ano II

tua carne ferve e fede como
uma ferida suja e aberta dum rato
por isso você bebe berra e me bate
como se eu fosse o espinho venenoso
que te partiu ferveu e apodreceu a carne

tua boca ferve e fede como
uma ferida suja e aberta dum rato
por isso você berra que bebe e me bate
para que eu saiba das tuas esquinas
dos teus quartos de motel do teu sexo

teus dedos fervem e fedem como
se você tivesse enfiado em muitos rabos
noite a dentro por isso você bebe e berra
por isso você me bate para que eu saiba
meu lugar no mundo meu lugar na vida



O
espinho que
te ferve a
carne

Às margens do precipício,
nuvens tempestuosas
em suas costas.
Braços abertos,
respiração calma,
ela contava os segundos
pra que a terra a abraçasse
Pés um tanto tortos,
tão indecisos quanto ela.
Exposta ao silêncio da mente,
a décima da semana se debruçou
aos escombros,
pairando no ar,
pouco antes de abismar
na dor...

Não a contive.

Pouso aqui,
e enxergo neles o que o arrastar da vida
tirou de mim...

Absorvo a miséria das almas
que já não cantam por si.

Gorjeio por mim,
enquanto voejo pela podridão da carne.

Me rendo aqui...

O torço aliviando os pesares
que adentram as fendas da alma.

E então...

sou paz.

Livro de mim a responsabilidade do erro,
de ti só furto a carcaça.



carla
Andressa
Corvo



cesar
e as
chamas

1. alberto
lins
caldas

- ha sempre •
- esse cheiro de velas queimadas •
- milhares de velas derretidas •

- em algumas •
- quase não se ve a chama •
- so o resto do pavio em brasa •

- na poça de parafina q vai •
- engolir a brasa a brasa •
- q se esvai •

- porisso esse cheiro •
- de velas queimando velas •
- velas derretidas velas inuteis •

- por enquanto ha o pão duro •
- o pouco dagua morna •
- velas q se apagam •

- se o pão não fosse tão duro •
- se a agua não fosse tão morna •
- se as horas fossem alegres •

- se a casa não tivesse •
- dessa maneira sempre tão escura •
- cheia do cheiro das velas mortas •

- talvez as velas •
- demorassem alem talvez •
- as chamas agentassem mais •

•

- quem sabe o vinho bem forte •
- quase preto e meio amargo •
- muito quente pra protelar •

- quem sabe assim •
- demorassem tambem as velas •
- a chama das velas •

- muitas acesas quando cesar •
- foi embora quando cesar •
- quis roma como mulher •

- dizem todos •
- mas não é verdade •
- cesar tinha medo das velas •

- da chama das velas •
- do vento nessa casa fria •
- apagando a chama das velas •

- dizia cesar •
- porisso preciso de roma •
- somente e nada mais q roma •

- assim cesar foi embora •
- agora sou eu quem toma conta •
- das velas nessa casa fria •

- sempre escura demais •
- quem sabe apagadas todas elas •
- a vida se inflame •

•

- como uma sentença •
- q traz a escuridão a sombra •
- dizia cesar •

- em cada vela apenas isso •
- a treva •
- dizia cesar antes de fugir •

- é como se fosse sempre noite •
- esse cheiro de velas mortas •
- dizia cesar •

- sempre meia noite não o dia •
- o cheiro dos dias dizia •
- cesar antes de fugir •

- carne sem ossos a chama •
- pele sem carne q so faz sumir •
- dizia cesar •

- enlouquecendo é certo •
- escassa vida o resto é tudo •
- dizia cesar antes de fugir •

- esse cheiro de velas •
- essa coisa de chamas geladas •
- dizia cesar •

- não demoram todas morrem •
- nenhuma chama nenhuma hora •
- dizia cesar antes de roma •

•

- eis a vida teodoro •
- sabendo cesar q era •
- teeteto q passava •

- pra acender as velas •
- q se apagavam •
- durante as horas •

- q sempre foi teeteto •
- q teodoro morreu •
- se apagou •

- como a chama •
- duma vela dizia rindo •
- sempre cesar •

- quase gargalhando •
- enquanto teeteto •
- esperava curvado •

- ate ouvir de cesar •
- vai teodoro •
- tua chama é fraca •

- tua chama apaga •
- sem saber •
- tua vela pensa •

- q é teeteto mas é •
- teodoro e não sabe •
- as chamas ignoram •

•

- muito triste •
- disse cesar montando o cavalo •
- antes de partir •

- triste demais o cheiro a chama •
- se apagar deixando a vela •
- derretida •

- nem a chama nem as velas •
- no seu cavalo ele disse •
- indo embora •

- apenas me curvei •
- enquanto ele sumia •
- como a chama duma vela •

- sei q foi nessa •
- a hora q veio a tempestade •
- q apagou quase todas as velas •

- deixando a escuridão pontilhada •
- de luzes como se por caga lumes •
- as velas q resistiam •

- pela vida entre nos •
- a casa na treva a casa gelada •
- cesar indo pra roma •

- porisso esse cheiro de velas •
- q entra pelos poros •
- ate o tutano •

- q merda •
- foi dito quando cesar •
- partiu •
- tanto esforço pra manter •
- cada chama acesa as velas •
- intactas •
- mas as velas derretem •
- cada vez mais rapido •
- as chamas apagam •
- em velas q não acendem mais •
- velas q morrem com as chamas •
- velas q não desejam mais a chama •
- tudo isso porq cesar foi embora •
- sim ele foi embora e foi •
- porq sabia disso •
- não suportava nem as velas •
- nem as chamas q fazem o vento •
- destroçar as velas •
- o vento •
- q apaga as chamas o vento •
- q não cessa o vento das chamas •
- disse cesar •
- antes de partir pra roma •
- o vento das chamas q não cessa •
- depois o mundo e sua sorte •
- cada um com sua vida sua morte •
- disse cesar uma vez •
- olhando as chamas apagarem •
- cada um com seus dias suas noites •
- disse cesar pondo o dedo •

- na parafina derretida •
- muitas vezes ate de cesar haver •
- um dedo de parafina •
- depois são todos destroçados •
- disse cesar esmagando •
- entre os dedos o dedo •
- de parafina de cesar •
- pois não ha jamais uma palavra •
- pra essa chama q se extingue •
- milhões de chamas •
- essas velas q derretem antes •
- de se tornarem •
- vem o vento e se vai a chama •
- derrete a vela e vão voando •
- limpar o lixo q restou •
- a moeda entre dentes e labios •
- como se jamais tivesse •
- havido uma chama •
- vem teeteto correndo dizer •
- o q deixamos de ser •
- acabou •
- porq ja não nos reconhecemos •
- os q dizem nosso nome •
- dizem apenas nome •
- chama entre chamas •
- q se apagou no vento violento •
- das chamas •
- gritou teeteto cesar morto •
- como chama pelo vento •
- das chamas •

- como queria cesar •
- com medo do vento das chamas •
- caído numa poça viva •
- de parafina •
- como uma vela sangrenta •
- disse teeteto •
- assim a mensagem de roma •
- a morte da chama •
- chora teeteto •
- olhando a tempestade q vem •
- a q enfim apagara •
- todas as velas •

antropofagias

palavras e imagens da obra
Antropofagias, de Herberto Helder

mariana
Basílio



I

escrever os sentidos em palavras autônomas e impensadas, além de sentir-se fluxo ao cinema das palavras, o nosso ato :: a direção :: feita das vísceras às cascas de casas

II

os nascimentos; as antropofagias; as artérias são todo o *plus* sobre o pavor dos ossos e do tempo; os mapas e as lacunas que nos libertam entre escutas e escritas – assim vamos planos, vamos de novo ver o pôr-do-sol

III

o que acontece ao ar é uma dança :: fluídica das cores se enlaçando aos pés humanos - uma descoberta dos ares é quando se dança pés coração e costas - o chão desaba, o céu >descobre< uma :: dança fluídica dos ventos::

IV

o mapa dos corpos contorna os pulsos dos sonhos e as sombras > arfantes < do instante movem-se em relevos cartográficos eras grutas minerais de infiltração solar - sonolentas nervuras vivas de um qualquer sideral :: fotografia :: da gravidade é o sorriso tátil no mapa que se lê > papel < e depressões crepitantes ainda frias de quaisquer escarpas – bastadas de olhos – trêmulos olhos: todo um dia corpo todo uma noite toda nua a desenhar-se nos desvios do mapa

V

apenas o que se expressasse :: cavalos :: tintas cruas moviam-se eriçadas :: crinas negras cruas :: há aí uma brutalidade de pensamentos coisa frutífera como memória de se > queimar fogueira < apenas o largo e grande ritmo de madeiras no *silêncio em que se beijavam contentes ameixas*

VI

de estar a ser energia: a energia dos lábios a cantar mazelas são :: imagens :: de crianças como náufragas - é como a sabedoria oriental pelas avessas :: cantar à boca dos miolos que são avencas a energia espiando os heterônimos das ruas escaldadas pelo sono de arcanjos a formarem-se no mar > e não se vai adiante sem submersos veleiros < de tudo a tudo, de nada a nada é de estar-se estarecido, estar-se a energia :: a ser areia ::

VII

por tudo ser concentrado e leve, por dedos palpitarem luas, vamos amanhecer África > em vasos de barro < excruciar nossos cadáveres na terra a comer os bancos e os bancos a corroerem as costas :: dedos movendo-se :: por leveza, na força implícita de cristais a tingir panos em laranjas e begônias partidas :: elas partiram > a pulsar < África

VIII

a sutileza do teu faro sobe os 'is' de uma linguagem fatal do dialeto do mar que dispara os teus nós de silício > para sempre < agora era o dom do impossível a gritar o corpo incendiado a erguer-se pedestal :: a ser :: um arco de caules em altas e puras > gradações < da sutileza a respirar manhãs

IX

nos sentidos de algo irrefutável encontra-se um dorso a se banhar nas terras que se fazem neblina :: nas terras que fazem o nada :: o temporal transitando da boca aos olhos do sapo a se levantar em escadas de ouro para esfumar as coisas geralmente tolas sob formas de um novo impulso > os fios partidos a girar o gosto < do que se transforma :: néon :: o diálogo nos cerca a conversa :: o impulso centrífugo de todas elas

X

há coisas para saber e há coisas para morrer > e dessas coisas há a coisa que não quer saber mas sabe, outra que não quer morrer mas morre < escreve-se AZUL estralado como ovo na chapa querendo dizer-se mar :: o texto das coisas é de uma textura colossal :: é o que diziam: o pigmento que se pinta o corpo frágil corpo, na alma, visceral

XI

o que sabia o tempo sobre o que se passaria na longa arte dramática de nossa gramática? :: pinhas :: o esboço do que se partiu na infância e na velhice > o devorador de ceias < nunca dizia nunca em sua lima de raspar os meses abaixo sim senhores! a ele devemos todos os nossos feitos

XII

a ver-se foi velado em seu rosto a decifração do ar aos avisos dos nós sonoros do sítio a fremir estrelas :: metade do ar veio povoando vozes :: onde o corpo já era um sismo cadente um outro se contorcia na energia do impróprio a tornar-se própria maneira.

os trapos da urbe

wilton
Cardoso

1.

aos noias
a política do pau

não servem
a número algum
de ganho de ou gasto

não servem ao número
de nenhum espetáculo

2.

aos sãos
futebol e churrasco

Inumeráveis
vagam viciados
em jesus e labuta
o deserto das ruas

zumbis
sob o sol monetário
martelando as cabeças
de noite e de dia

deliram um oásis
de crédito fresco
que vai saciar
sua sede sem fim
de mercadorias

Minha mãe
Mulher.de
meu pai



Minha mãe Ai minha mãe minha mãe Mulher do meu pai Não seria mulher de nenhum outro senão dele Foi pra ele que foi feita Para cada alegria e tristeza Cada saúde e doença Cada faxina e cada refeição Auxilia-o para sempre ser um bom homem e bom pai Corteja-o sempre que ele vier a ti e o dá sem ter menos amor sem ter menos vontade Sorria diante de cada angústia e não relata seus problemas a mais ninguém pois de teu lar qual sois referência não deve sair maus relatos Não pestaneje e nem fraqueje diante de qualquer carícia mais forte e não chore quando esta machucar sua carne Teu filho terá de ser um homem também pois de um homem foi feito Auxilia-o com teus seios a ser forte e a desejar uma boa mulher Não reclames diante das mordidas que receber pois meu pai gosta de te punir Não saia de casa pois o pão virá com ele No dia que não vier evite cruzar as vistas com o olhar alterado pelo álcool Arrume sempre seu filho e o reprima se este mostrar-se contrário às ideias de seu pai Sempre sorria Em momentos difíceis procure um emprego modesto Traga tudo o que receber para casa para ser avaliado e pesado Suas responsabilidades primeiro estão em seu lar Não te interesses por outros diante dos anos e anos que estão passando A maquiagem pode cobrir toda e qualquer marca O cachecol pode cobrir qualquer diferença em seu pescoço Nas noites em que for suspeita gema mais alto Não podes ser mulher de outro homem e jamais poderá ser Gema mais alto Não deixe o ódio em seu filho crescer contra seu pai Questionada saiba que está falando a verdade Seu homem não vai acreditar Em caso de vida ou morte reaja Diante da luta entre dois homens não intrometa-se Aguarde em oração o término do impasse pois terás de cuidar de várias feridas Com seu lar destruído terá de arrumar aquela bagunça Vele por quem acabou de falecer por conta de teus pecados Culpe-se pelo resto da vida e espere o perdão do verdadeiro pai Enterre seu marido e chore Pode chorar agora Está viúva e livre Mãe de um assassino Minha mãe Minha mãe Mulher de meu pai

jaci
henrique
de Almeida
Souza

elétrons

se a vida é criança, ouve:
não pode falar palavrão
vou lavar essa boca suja
é feio, menino, se aquiete
e a gente, com medo de surra
silêncio engole na voz

agora que o grande é a hora
professor vai pro canto da sala
a língua fria, amordaçada
ser próton ou elétron, sem vez
a escola então se vê livre
de pensar, criticar, ser plural

dizem que é uma tal de lei
pra alagoano crescer de muleta
e a terra, berço de valor
virar cemitério de homem besta
que vai ficar tudo caladinho
e fazer caatinga na eleição

mas o povo que tá acordado
aquele que não faz acordo
esse grita desesperado
o palavrão limpo e sanitário:
é in-cons-ti-tu-cio-nal, criatura
essa lei que fala estadual

sara
Albuquerque

peixe podre • para o jantar

o peixe apodreceu para o jantar
você chorava como um covarde
o peixe para o jantar já chegou podre
porque nem para o roubo você presta
você chorava como um covarde

eu só lembro da fome e do ódio
que eu senti ódio do mundo
ódio do peixe ódio de você
que ainda chorava sentado num
canto chorava como um covarde

o peixe apodreceu para o jantar
o peixe para o jantar já chegou podre
então só restou a fome e o ódio
porque eu sabia que mais uma vez
a carne do jantar seria a minha

Salaluna
azar



malunguinho
é rei das matas

a solidão do ventre paterno
os cactos e cinzas nos castanhos dos olhos
cansados – desmaios dos lírios
chá de nós, as nozes ainda intactas
cidades inteiras na derme das cajazeiras
levar baculejo da polícia
embrenhar-se no triste brio da cana
- a monocultura e suas varejeiras
suas naus nos abismos de massa pê
o urro da caldeira
uma espuma de fumaça
a ira das nuvens
um grito a Basílio Machado – o arrombador de celas
abduzido por espíritos não identificados
que trazem no carma o ódio aos coronéis
vou fazer desse canavial uma grande chama
vou bater tanto bombo – ilú
vai baixar tanto exu – malungo
vou beber tanta cachaça – navalha
que quando baixar a poeira da gira
vai iniciar a hora do pomar
e fazer brotar no coração abandonado
de um pai estuário etílico
os amores perdidos em seu peito

remoeremos por muito
tempo ainda a morte de
mordecai

ligaremos a bomba
ao poder de
babed

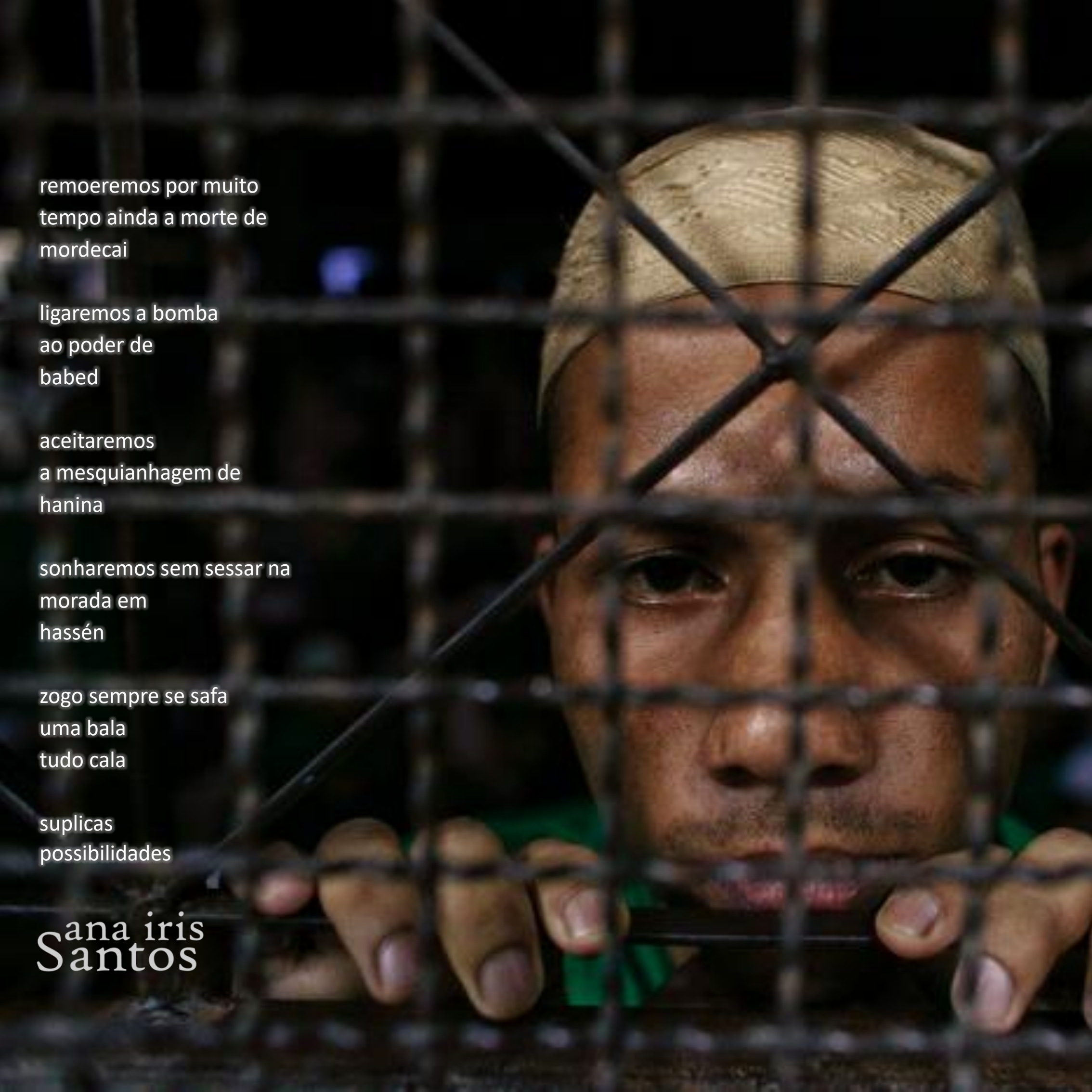
aceitaremos
a mesquianhagem de
hanina

sonharemos sem sessar na
morada em
hassén

zogo sempre se safa
uma bala
tudo cala

suplicas
possibilidades

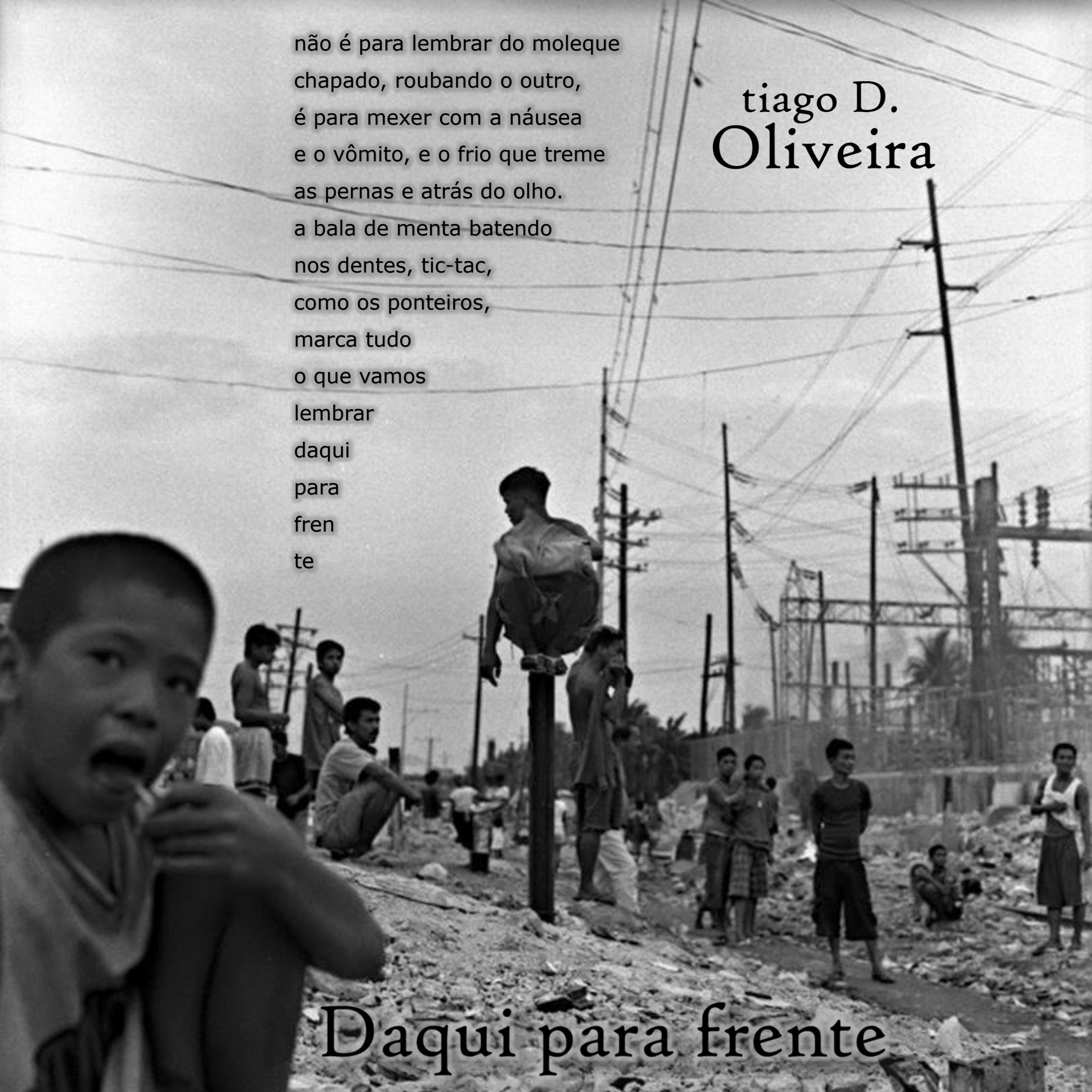
Sana iris
Santos



não é para lembrar do moleque
chapado, roubando o outro,
é para mexer com a náusea
e o vômito, e o frio que treme
as pernas e atrás do olho.
a bala de menta batendo
nos dentes, tic-tac,
como os ponteiros,
marca tudo
o que vamos
lembrar
daqui
para
fren
te

tiago D.
Oliveira

Daqui para frente



antônio
LaCarne



Marinheiro

Eu sei que você e eu somos pessoas por quem os sinos não dobram e os cães não ladram; e que a realidade não é uma pista de dança, nem a vida uma piscina onde você se afoga e é resgatado com vida. Se eu preciso registrar o momento e você não está ao meu lado, o verão, o bronze, o neon desbotado dos motéis também perderá a cor e eu me perderei nas ruas como um cachorro abandonado. Em cada pedaço de chão ou apartamento vazio, as janelas que você escancara não mostram o mundo lá fora. A inundação da chuva, motoristas atolados, ciclistas sem direção: o amor sob as cobertas quando $a + b$ são sentimentos descritos em livros por um narrador sem rosto ou fome. Deixo você ir e também me perco no asfalto – morrendo de sede como marinheiro sem âncora tatuada no braço.

as casas viraram escuridão

sem luzes, aparelhos e virtuais distrações
a energia se dissipava dos postes
e desabava nas crianças

elas (es)corriam às ruas
diversão quase cega, cavernosa
a cada passo dado contra o escuro
o esconde-esconde ficava fácil-fácil

os olhos traçavam as formas,
a imaginação se ocupava do resto
não havia minutos melhores pra se mirar os céus

quem saia de casa estrelava

rua nova, rua crescente



marcus
Vinicius

sobre - vivemos

matheus josé
Mineiro

eu te inventaria também em outras dimensões
como quem inventa monstro debaixo da pele
e foge

involuntariamente

do inevitável encontro inesperado
eu moldaria delicadamente os teus

defeitos um por um

como quem toma pela mão

as dores de parto

e as transforma em outras
belezas

eu te entregaria os dentes de Berenice

organizados cuidadosamente

na forma de um sorriso

ou dois para amaldiçoar teus corpos

híbridos com resíduos

de Terra

em outras dimensões

eu seria livremente

a destruição de mim

como deus ao parir

o humano

joão
Anyways

neogenesis

carla
Andressa

Acordei com o vento gelado abraçando-me os ombros...
A dor no peito rompeu o enlaço das pálpebras que,
preguiçosas,
aos poucos focaram na cortina branca que dançava pela janela.
Iluminada pela invasão dos raios,
graciosa,
da forma como a saudade eternizou em mim.
Tocou-me o topo da cabeça:
o afago fez com que eu voltasse
aos meus 5 anos...
Cachos dourados emaranhados no lençol;
meu velho pijama de algodão...
Ela ao meu lado,
pedindo-Lhe proteção,
gritando meu nome...
Todas as noites ela escorregava pelo corredor:
copo d'água na mão,
coração aflito pendurado na boca...
Ela rompia o silêncio do quarto brindando meus gritos,
saudando a morte da minha infância...
Seu perfume invadiu o quarto:
ela acariciou minha pele e se foi,
me deixando em lágrimas...
Veio me dizer que ainda sou sua,
que abandonar não adiantaria de nada
enquanto ela não pudesse
escapar de mim...

Cativeiro



MariaJoão

para escolher uma ferramenta, delicadeza
para imprimir sua opinião, aspereza
para ser feminina, sutileza
para ser Maria, tristeza
para ser João, decepção

MLuiza
Villela



richard
Plácido



pedra no olho
nos rins
machuco
avanço o sinal

sou 3/4 da cadeira
de um ônibus
lotado
o resto é dúvida
se cabe ou não

o silêncio que
grita
enquanto eles roem
os meus livros

eu o resto e o não

Me resta ser

sara
Albuquerque



aproveita que não tem ninguém em CASA

, poxa, olha como ele é cabeludo aqui na nuca, deve ser assim por baixo desta camisa de botão mas não pode, menina, pare de pensar nessas coisas, esse beijo parece de novela, mas não é beijo técnico, beijo técnico é sem língua que a tia falou, só não gosto quando ele põe lá no fundo pra eu chupar, uma vez quase vomito, chega senti aquele gostinho de passatempo na garganta, não contei pra ninguém porque a gente não fala disso em voz alta, tem que ficar caladinho porque a vida é assim e tá tudo bem, é que eu tinha essa vontade de saber como era fazer outras coisas, aquelas coisas, o povo ficava tapando meu olho na hora da televisão, um saco, psiu, eu sei, não falei nada, só pensei, pensar pode, e acho que ele pensa também porque encosta a calça dele bem aqui na minha barriga, aí eu sinto o negócio dele, meio duro, parece uma coisa assim grossa e dura, ele fica me empurrando pra trás e fico enfiada na parede, eu gosto muito, mas é muito mesmo, subo um pouco na ponta dos pés pra tocar aqui embaixo, na minha florzinha que tá latejando, dá uma vontade de felicidade, de mexer assim, bem assim, ele aperta minhas costas e diz que não pode, não pode o que, eu digo, ele ri e a gente ri juntos, Deus não vai perdoar que a gente é muito ruim de fazer isso, é feio, tem que fazer o sinal da cruz, a gente ri de novo, acho que a gente nem parou de rir, ele morde meu pescoço, parece um vampiro, acho que isso pode, pode sim, coisa de primo, fico criando mais saliva e encosto nele de novo, desse jeito, abro um pouco a perninha pra gente ficar encaixado, que estranho, parece que tô mijada, nem tinha percebido, acho que ele nem liga também, fica mexendo, que é gostoso, é isso que os adultos fazem, deve ser, não para, por favor, por favor, ah minha florzinha, tá aumentando, não sei explicar, gigante, gigante, o que tá acontecendo, tem uma coisa vai sair aí meu Deus que é isso



Carajo,
que bigode

Às vezes você pensa que as coisas não podem piorar e é justamente esse pensamento o que as faz chegarem ao nível da desgraça. Daí, aparece um cara que tem um amigo cujo conhecido sabe o que você faz. Esse primeiro cara começa a conversar, usando da malícia e falando como quem não quer nada. Até que ele te olha com os malditos olhos dissimulados, adquire um tom mais sério e dispara: *eu sei o que você faz*. Você devolve tudo com uma reação de surpresa, coloca a mão no peito e exprime a resposta numa voz singela, quase inexistente: *do que você está falando?* Ah, mas o filho da puta sabe... Então, ele repete: *eu sei o que você faz, cara*. Você, com o coração batendo tão normal quanto deve ser, decide tentar a mesma estratégia outra vez: *não sei o que está acontecendo...* *Do que você está falando?* Sua mente, naquele pequeno clímax nervoso, lhe diz: *ele sabe*. Todo o jogo de tentativa de ocultamento é mero chamariz para a realidade e ele reconhece isso. *Tenho um trabalho para você*, continua o maldito. Você, já inutilizado pela tática que geralmente falha, coça o bigode e pigarreja, olhando-o nos olhos pela primeira vez desde que começaram a trocar a ideia. *Que tipo de trabalho?*, você questiona ao infeliz. Ele sorri, toca o seu ombro como se fosse um amigo, e encerra: *envolve mortes... do jeito que você gosta*. Aqui você já está ganho – não tem saída além da resposta que poderia ser dita tantas linhas antes, mas você escolheu não fazê-lo: *eu aceito*.

josué
Seixas

aqui é escuro
o frio constante me abraça com força
a primeira ânsia aproxima-se...

gabriele
Rosa

sobe à boca o gozo de libertar-se
ele não sai... alarme falso!...
o martírio reinicia...

essas curvas que me atormentam... todos estão cegos?
essa gordura que grudou em meu reflexo, debocha da minha sanidade!
quanto mais vazia por dentro... imensa por fora!...

nova ânsia aproxima-se...
sinto o cheiro da felicidade!
enfim... o belo gozo do vômito desconcertante!

Ana me abraçou por um minuto... quanto amor!...
60 segundos de êxtase, contentamento e paralisia
na sequência: dor, culpa e, medo do próximo abraço.

Ana

Depois dos três

Se já estava a três períodos canto a canto cambando a baixo

Puxando os dedos amarrados de pequeno

Se tava a gente todo o tempo procurando

Entre as brechas da neve entre as portas

Em nada em nada após usada sua carcaça

Tão maltratada com os uivos de outros ventos

Surrupiada numa palha de cabana

Jogada ao malfeito do relento

Povoou-se de então breve momento

Azuis fagulhas de resina sobreposta

Pintas de povos multi e múltiplas pessoas

Em fogos de artifício aos bocados

Era agora a alegria de acordada

Numa noite fria sua pés descalços



invasão

geovanne
otavio
ursulino

porta

quando dormindo antes do sol
arrombaram a porta dez
ou quinze fardados armados
aos berros como cães farejando

não mexi um dedo pra nada
àquela altura ser culpado inocente
não importava arrombaram a porta
eu os olhei na cara coberta

no canto direito da cama
três funcionários da firma
se distraem com uma cópia
pendurada na parede duma

grande obra prima de britto
as cores os traços as formas
não mexo um dedo pra nada
os cães berram farejando

os três funcionários da firma
no canto direito da cama
foram sumindo como vultos
os cães seguem me batendo

abajur

acenderam a luz do abajur
os dez ou quinze fardados
o sol inda nem nasceu
eles já farejavam minha carne

a luz do abajur costuma
ser fraca mas agora parece
mais forte q o sol na minha
cara ensanguentada

queima arde dói
me sento quase cego
quase não vejo nada
quase não sei nada

eles latem eu sangro
o sol inda nem nasceu
a luz do abajur já
ilumina minha cara

queima arde dói
agora parece mais
forte q o sol eles já
farejavam minha carne

cama

batem batem batem
por cansaço ou talvez
por tédio pararam
não mexo um dedo pra nada

meus pais tavam deitados
junto comigo na cama
um de cada lado a noite toda
não mexo um dedo pra nada

távamos todos nus
menos os cães e os funcionários
da firma q continuam olhando
uma cópia de britto

cansados de esperar
talvez por paciência talvez
por prazer os dez ou quinze
fardados armados voltaram a

bater bater bater
meus pais q continuam deitados
nus ao meu lado nada dizem
nada fazem continuam dormindo

quadro

azul verde rosa roxo
triângulos losangos círculos
amarelo vermelho preto
quadrados pentágonos

a cópia de britto enche
os olhos toca o peito
os três funcionários da firma
parecem esculturas em pedra

azul verde rosa roxo
não lembro de já ter falado
com nenhum deles
amarelo vermelho preto

no canto direito da cama
parecem esculturas em pedra
não mexem um dedo
os cães berram farejando

triângulos losangos círculos
são funcionários qualquer
como eu mesmo sou
quadrados pentágonos

rádio

*olha o que foi meu bom José
se apaixonar pela donzela
canta a voz aguda no
canto esquerdo da cama*

*os fardados berram agora
uns com os outros armados
e nada disso acontecia
mas você foi amar Maria*

*a voz aguda não para
não mexo um dedo pra nada
a voz também parece não
se importar com nada daquilo*

*me lembro as vezes de você
meu bom José meu pobre amigo
os cães agora mais do que nunca
parecem querer me devorar*

*um golpe agudo partiu minha perna
não mexo um dedo pra nada
que desta vida só queria
ser feliz com sua Maria*

cômoda

*farejam por cada canto
guarda-roupa criado-mudo
estantes de livros cesto de
roupas sujas cada canto*

*correndo e berrando dum
canto pra outro as vezes
batendo cabeça com cabeça
latindo uns pros outros*

*dez ou quinze fardados
farejam cada peça de roupa
cheiram meias sujas lambem
o sovaco das camisas*

*até chagar na cômoda
branca encardida remendada
nos cantos e gavetas
farejam por cada canto*

*dez ou quinze fardados
latindo batendo cabeça
cheirando meias sujas
lambendo sovaco de camisa*

jarro

nunca gostei de flores
margaridas violetas tulipas
me lembram morte dor caixão
delfínios ásteres gailárdias

sempre gostei de jarros
de todos formatos cores
de todos tamanhos
até instantes tinha

vários espalhados pelo
quarto por todo canto
dentro do guarda-roupas
em baixo da cama

no parapeito da janela
mas sem flores só jarros
azuis verdes vermelhos
os cães arrebentam um

por um lançando nas paredes
no chão sobre minha cabeça
os fardados trouxeram flores
crisântemos lírios kalanchoes

cortina

feita de tecido pesado
me escondi por uma vida
atrás das cortinas escuras
frias do quarto

a luz forte do sol
ou mesmo a luz fraca
amarelada dos postes
me afetam até os ossos

verde escura encardida
por uma vida sem ser
trocada já tava aos farrapos
remendada por todo canto

lá fora o sol já nasceu
aqui dentro desde nunca
o sol nunca nasceu
até instantes quando

movidos pelo ódio
resolveram os cães raivosos
arrancarem as velhas cortinas
tudo é feito à luz do dia

caixa

farejaram farejaram farejaram
até encontrar a pequena
caixa escondida sob a cama
gargalham pelo dever cumprido

uma euforia tomou conta
de cada um dos dez ou quinze
fardados armados
gargalham espumando

como cães prestes a receber
a carcaça morta dum bicho qualquer
gritam se abraçam apertam
as mãos uns dos outros

o dever foi cumprido
olham todos pro meu corpo
jogado na cama quase tão
fino quanto os lençóis

o q tem na caixa pouco ou
nada importa o dever foi
cumprido latem uivam
não mexo um dedo pra nada

janela

vidro escuro temperado
forro de alumínio janela
de correr quatro folhas
como todas do prédio

os funcionários da firma
partiram levando o quadro
o abajur foi arreventado
contra a parede oposta

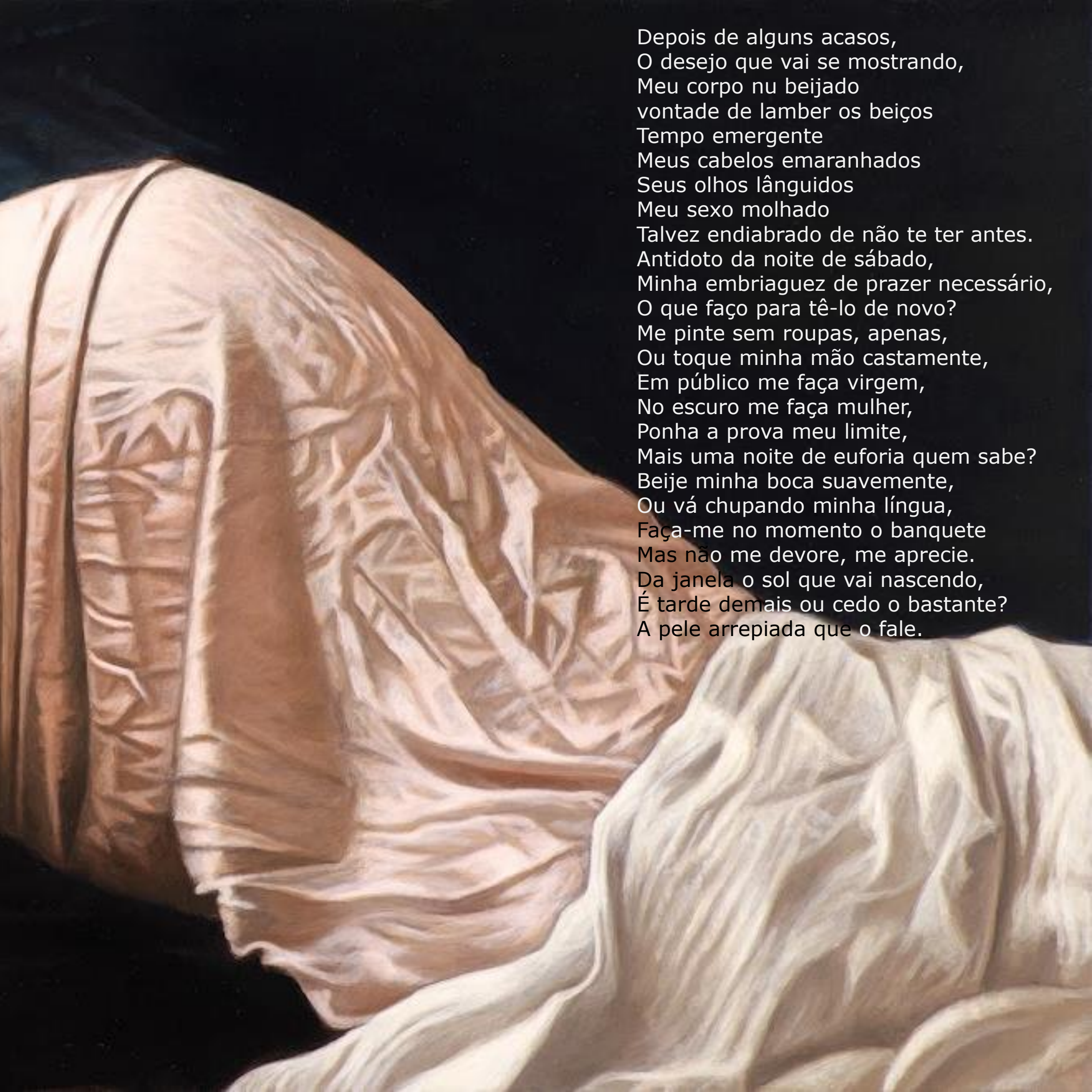
a cômoda se abriu o mesmo
fim logo terá a cama
a voz aguda do rádio
parou de cantar

os jarros são só cacos
a cortina é só retalhos
agora só eu e os cães
lá fora a rua tá cheia

atravessar o vidro da janela
única forma de sair daqui
se inda antes do sol não
tivessem partido minha cabeça



Íntimo • ^{bárbara} Bento



Depois de alguns acasos,
O desejo que vai se mostrando,
Meu corpo nu beijado
vontade de lamber os beijos
Tempo emergente
Meus cabelos emaranhados
Seus olhos lânguidos
Meu sexo molhado
Talvez endiabrado de não te ter antes.
Antídoto da noite de sábado,
Minha embriaguez de prazer necessário,
O que faço para tê-lo de novo?
Me pinte sem roupas, apenas,
Ou toque minha mão castamente,
Em público me faça virgem,
No escuro me faça mulher,
Ponha a prova meu limite,
Mais uma noite de euforia quem sabe?
Beije minha boca suavemente,
Ou vá chupando minha língua,
Faça-me no momento o banquete
Mas não me devore, me aprecie.
Da janela o sol que vai nascendo,
É tarde demais ou cedo o bastante?
A pele arrepiada que o fale.

Ele vivia como se não quisesse viver. Acordava quase sempre com jeito de lixo virado. Rezava algumas vezes e depois, um gole de cachaça pra entorpecer a ideia de conviver consigo, mesmo por algumas horas. Sua descrença tinha raízes profundas, um casamento fodido e os pés estragados pela seca. Saiu do sertão e com isso só mudou de desgraça, pois, a moeda da favela não é a água, é a vida. Já havia morrido há tempos, na verdade, mas enterrar-se deixando dois filhos pequenos e uma mulher com derrame era a certeza de pagar os pecados em algum lugar muito pior que o inferno.

Quase não falava, não era letrado, mas na sua pouca história, pensar em suicídio era coisa do capeta. Passou fome, deu dinheiro a quem já tinha. Trabalhava pra pagar remédio e cachaça. O tempo passando e ele parou de rezar. Sobrou a revolta e uma conta na venda.

O pensamento em acabar com aquilo tomava conta do corpo inteiro como um câncer que não se pode mais curar. Um homem bom no passado. Hoje, não podia afirmar que era um homem. Andava as voltas por não ter trabalho, tentou em todo canto. Qualquer coisa pra não ver a mulher definhando e os gêmeos chorando. Gastava a madrugada se enganando até o álcool sair na urina. Queria um casulo maior. Ou um caixão. Gritou calado até o desespero tomar as rédeas.

Escolheu um dia próximo, esperou o galo cantar, saiu de casa cortando o esgoto até chegar na venda. Tentou negociar um serviço de pintor em troca da bóia do dia. Voltou com uma lata de leite, uma de sardinha, quatro pães, água sanitária e a cachaça da vez.

Suava desfazendo a sacola. Água no fogo pra duas mamadeiras. O choro dos gêmeos. Aquele azedo n'alma. Olhou pra mulher e só viu sombra. Mal se mexia, não falava tudo nela era roxo-esverdeado, cadáver que não apodrecia. Fez o leite pra os gêmeos, tomou metade da cachaça, amassou dois pães com a sardinha e o óleo da lata pra mulher e em três copos, uma boa dose da água sanitária.

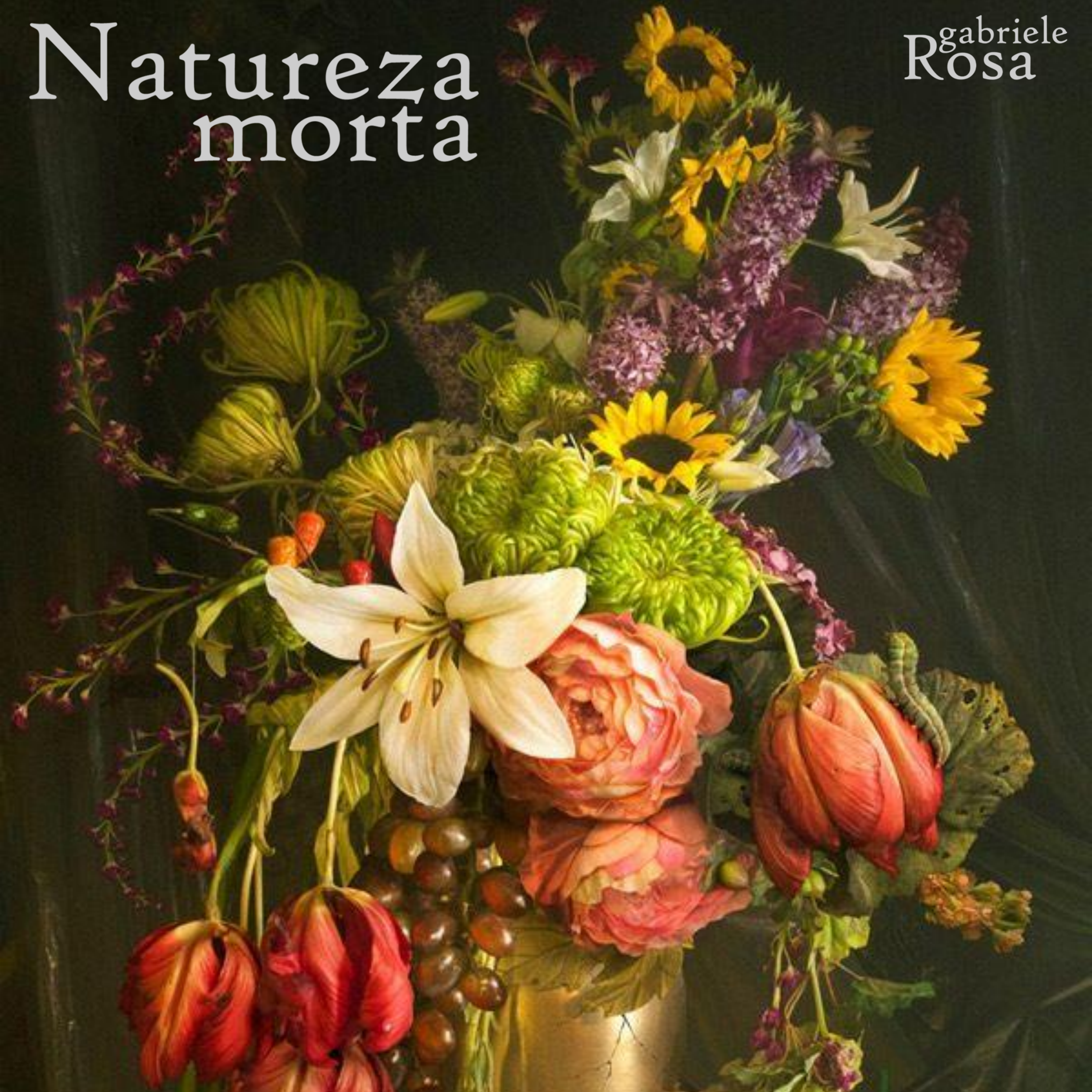
Não pensou em matar, pensou em salvar. Pensou em dar asas a três corpos. Pensou em quem merecia ficar. Pensou em ir sozinho. Pensou em ir primeiro. Não pensou no fato de viver no lugar onde o sol não queima. Lá, quem te alisa é o breu. Não pensou no dia seguinte. Duas crianças e uma mulher em estado grave. Queimadas, porém sobrevivendo. Do outro lado da cidade, um estranho conhecido como Severo agarrado a uma sacola de plástico, linchado até a morte.

Severo

lisley
Nogueira

Natureza morta

gabriele
Rosa



A última pétala da sempre-viva caiu. Aos dezesseis, retirei-me do mundo. Com meu elegante pescoço envolto em lençóis macios, senti o lento e melancólico sufocar enquanto observava dependurada em minha janela o último iluminar do sol no jardim. Ah! Eu amava o jardim!...

Com quatro pétalas caídas seguia a sempre-viva seu destino glorioso. Não suportaria ser rejeitada. Armadilha do Cupido que me presenteou com sua face mais cruel: A bela Rosalinda agraciada por Vênus com tanta beleza e doçura, condenada a amar e não ser amada! Como seria a vida com esse pesar em meu peito: Um casamento conveniente para minha família? A vida religiosa ou uma morte redentora? A morte me pareceu mais sensata...

Amar e não ser amada! Não entendia por que não sentia o palpitar ensurdecador quando eles faziam-me a corte. Eram sempre gordos demais, velhos ou jovens demais... Homens demais! Logo eu, considerada a mais bela em Verona, não posso amar quem amo, não aprendi a amar como as outras, não deveria ser assim: Uma natureza morta... Maldito Montecchio!

Caiu a primeira pétala!... Início de minha desventura... Era manhã, precisava vê-la... Quando cheguei ao seu quarto, ainda dormia minha doce Julieta!... Sentei ao seu lado, senti a noite ao tocar seus cabelos, senti o amor ao beijar seus cálidos lábios pueris. Julieta despertou assustada, chamou por Romeu! Pensou sonhar com o beijo de nosso inimigo! Logo, percebeu que a beijei. Seu espanto foi tamanho que chamou a ama. A confusão estava em seus olhos! Fúria! Deixei o ódio dominar-me e, em um ato desesperado, sacudi Julieta aos berros: Você é minha, Julieta! Você precisa me amar! Ontem, no baile, ouvi o meu peito palpitar como nunca... Meu sangue galopou por entre minhas veias, o amor floresceu em minh'alma como a linda sempre-viva do jardim. Fuja comigo, doce prima! Agora que conheço o amor não sei mais viver sem ele.

Julieta, aos prantos, negou-me o amor... Jurou amar Romeu!... Aquele infame antes me cortejava! Como ousou roubar minha amada?! Julieta tentou acalmar-me, dizendo que Romeu também a amava e que éramos primas, e assim deveria ser... Ela jamais me amaria... Quando a ama entrou no quarto, vesti a vergonha de ser rejeitada, respirei fundo, disse adeus a Julieta e pedi perdão por meu destempero... Como uma bela donzela comedida que sempre fui saí de cena...

A sempre-viva chegou ao seu auge... Enfim, abriu suas delicadas pétalas... Dia do baile... Minha prima Julieta estava pronta para ser apresentada à sociedade. Eu odiava esses bailes: oportunidade para meu pai querer casar-me. Construir fama de inacessível ao amor e aos desejos da carne demandou muito trabalho... Dispensar cada pretendente que me fazia a corte era uma Penelopéia! Se Vênus não tivesse sido tão generosa, minha vida teria sido mais fácil. Decidi que esse baile seria diferente: com a ajuda de minha ama, consegui roupas masculinas. Eu aproveitaria o baile de máscaras como nunca!... Por algumas horas eu seria um completo desconhecido!...

Vi aquele anjo descer do céu: Julieta! Nunca me pareceu tão bela! Não conseguia parar de olhá-la... Cada delicado gesto, esboço de sorriso... Uma aparição! Caminhei em sua direção cortando o grande salão. Dançaria com ela, mas outro chegou antes... Que má sorte a minha! Eu o fitei minunciosamente: era o Montecchio, Romeu, aquele petulante que ousou me jurar amor. Eu não esqueceria aquele queixo por trás da máscara... Não pude ouvir o que falava com Julieta, mas falava com ela, era um louco! Intruso em um baile de nossa família! Eu gritaria para todos, se eu também não fosse um intruso...

Nasceu em mim um ódio!... Ele dizia me amar... Estava a me trair com minha amada! Meu coração gritava! Minhas mãos suadas refletiam meu pensamento confuso... Cupido traíçoeiro! Desnortado, saí pelo salão andando sem rumo, esbarrando nos dançantes... Precisava sair do salão e entrar pelos fundos para trocar de roupa... Voltei ao baile como Rosalinda, ainda sem entender meus sentimentos... Procurei por Julieta. Precisava saber o que Romeu lhe falara. Não mais vi Romeu... Vi Páris fazendo a corte a Julieta. Este não me ameaçava... Recolhi-me... Não me sentia bem para continuar na presença de todos. Precisava pensar...

A sempre-viva está preste a abrir... Julieta e eu conversávamos no jardim. Ela dizia que não amava ninguém e não pensava em casamento... Enquanto ela sorria infantilmente, eu falava-lhe sobre como é ser desejada por todos e não se achar no amor...



quarto



Mácllen Luan

a folha nua olha o manicômio

a folha nua me olha

a folha nua espera a brisa

arrebentada de letra
desafrouxada

depois flexível

a folha antes nua

acidentada com a xícara

o café suado por cima do seu riso

das folhas as criações malditas

envergam rodopios chuva afora

e sobre a suada entreaberta negra metropolitana

nos rebentos de letras

viajo

e vou em noite entre manicômios

Cadáver

Quando tudo que tem cabe numa caixa,
os ossos do marido,
sonhos não sonhados.

Guardou os sapatos novos na gaveta, pois
apertavam seus pensamentos.

Para os pés, hoje, só tem a areia da praia
branca, insegura, úmida
já queimou demasiado caminhando no asfalto
Enquanto sossega o choro,
teu corpo esfria.

Joga as pedras no cadáver, pois este não me revida.
No buraco mais fundo, dorme com vermes no escuro
Piso a cova para socar bem a terra,
não quero que me siga.

Me enrolei no teu fio de cabelo

Não era muito comprido, mas emendado dava a volta ao mundo

Não queria ver o pôr do sol no cemitério,
sem tempo de morrer,
nem quero saber de suas panelas
vivo de poesia em sono profundo.

MLuiza
Villela

*ele pede um tinteiro e um chumaço de algodão,
escreve o nome dela na mão e toca punheta*
Abu Nuwas (786-814)

Hafiz Osman
o célebre calígrafo árabe
fez a heresia
de escrever em estilo cúfico
(o destinado a honrar a deus)
o teu nome
em letras douradas
na contra capa
de seu livro de poemas
copilados de Abu Nuwas;
não é triste ter um livro proibido
e como dizem, deus nunca
escreve por linhas certas, mesmo;
o triste
é a distância dos corpos
e um desejo perdido
entre palavras.

philippe
Wollney

felipe
Barbosa

faz tempo

mas lembro como cozi todo o tecido
num ritmo lento em silêncio
assim quase sem querer

ainda consigo me ver no q fiz
cada corte ponto e dobra
cada toque meu

faz tempo

mas sei as horas q perdi enquanto lhe moldava
e o q deixei por fazer por acabado o tempo
não poderia ser de outra maneira

sinto o dever cumprindo desde quando tiveste q ir
para q assim eu pudesse me orgulhar
fiz meu papel



tecido

Espinha vertical

Imagine que você morra por dentro entre quatro ou doze semanas não consecutivas. Imagine do outro lado do telefone alguém que não te escuta. Já passou da meia-noite e você precisa dormir. Não há dinheiro no banco e os seus sapatos estão sujos. As esquinas são as mesmas. Por aí, as pessoas seguem e vão de encontro. Algumas, provavelmente muitas, estão amando. Elas fazem sexo, dormem abraçadas. Então aquela piscina imaginária invade os teus sonhos e a revelação das pichações nos muros são os recados que alguém nunca quis te dar. A noite é sombra e os vidros se partem. Por onde andaré quem pensa em mim? O meu gato de estimação realmente me ama quando não está com fome? Se você se fizer de rogado, do chão não passarei. Eu era insensato, hoje quero colar um pedaço de mim. Eu me vi em cada calçada enquanto você cuidava do corpo, lindo, sem nenhum índice de gordura. Só você não reparou nas botas que eu usei. Através de você descobri que tranquilidade não é o meu forte. A mesma piscina imaginária seca até a última gota. O meu sangue que é obra-prima e Caravaggio se recompõe nas profundezas. Este álbum de fotografias é o alcance que ninguém percebe. Um coração na prateleira.

antônio
LaCarne

A morte sempre pareceu gloriosa aos meus olhos... Pensava eu quando, inocente e não letrado nos cruéis versos da raptora de nossas almas, via-a como abraço. Parecia, para mim – ainda mais para mim, que em tão alto lugar estou e sempre estive! –, uma recompensa, uma dourada estátua esculpida pelas mãos dos próprios anjos do céu acima, como presente para aqueles que fielmente buscaram justiça e bem-feitoria nesse plano tão carnal, tão corrupto, tão vaidoso...

Eu, justo eu, tão nobre detentor da voz e da palavra e da lei! Eu, antes certo de que minha partida seria revestida em louros, agora deixo tudo para trás com a vergonha montada em minhas costas, a culpa presa a meus braços, a frustração fechada em torno de meus tornozelos... Eles me observam partir assim... Eles, o motivo... Eles, meu sepulcro.

Estão agora em pé, cada um num canto de minha câmara. Mercúcio e Teobaldo deixam em minha parede manchas embebidas em sangue fresco; Romeu e Julieta assistem-me com olhares vazios, as mãos dadas enquanto cada um senta em um lado de minha cama. Os lábios do jovem Montecchio são pálidos e secos; o busto da venerada Capuleto é carmesim e flui leve por seu tronco, por sua barriga, desce por suas coxas...

Admiram-me em silêncio, sem pesar algum em seus olhos, somente escárnio... Julgam-me como seus pais e patrões estão a fazer nesse exato momento na cidade lá embaixo... Quase ouço daqui a sua raiva para comigo bradada a plenos pulmões no segredo de seus salões!

Ignoro meus demônios e olho em direção à janela mais uma vez... Observo-a faz tempo... Estudo as suas bordas e o vento que sorrateiro a invade desde o momento em que acordei... Aproximo os olhos sobre as minhas falhas...

Um passo, dois passos, três passos...

Enxergo abaixo a multidão à espera do julgamento. Vejo Frei Lourenço em correntes... A ama dos Capuleto banhada em suas próprias lágrimas...

Agachado na abertura, sinto o vento sussurrante que tem em mim um obstáculo para entrar nos aposentos. O respiro, aliviado... Fecho os olhos... Imagino o adiamento da cerimônia tomando forma assim que meu corpo atingir o maculado chão da cidade que jurei manter segura...

Abro os braços... O ar envolve-me... Os espinhos são adornos de vitória, são a consumação de votos e promessas. Eu, como nada fiz, sou adornado pelo nada... Serei, enfim, admirado... Parto feito espetáculo de assombro...e nenhum aplauso.

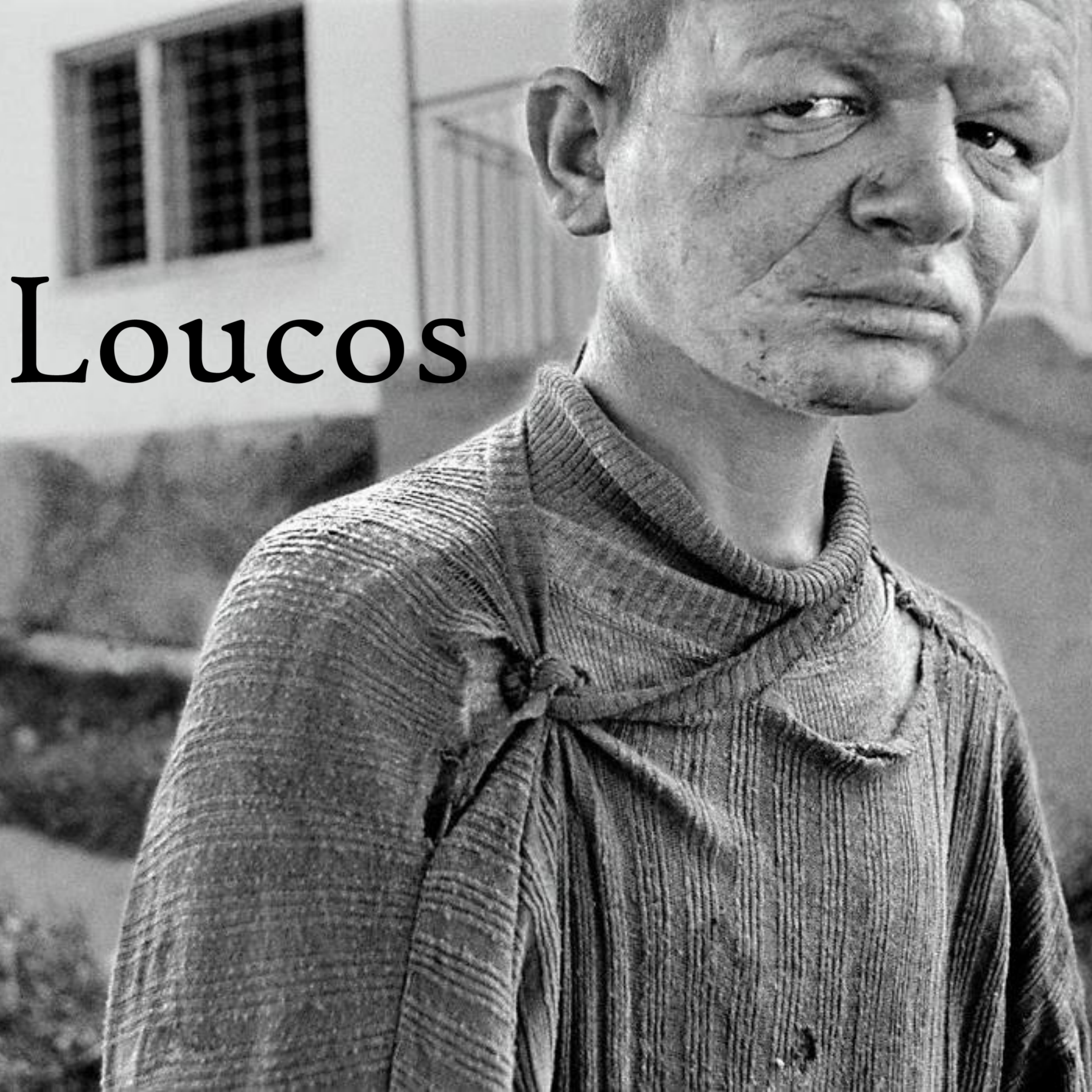
Coroa de Espinhos

*"Fica em silêncio e isolado,
Mas não solitário - Para que então,
Os espíritos dos mortos que outrora estavam do outro lado,
Quando em vida, perante a ti novamente estão
E agora em morte te rodeiam - o que desejam
Ofuscar-te a visão - não permitas o que anseiam"*
"Espíritos dos Mortos", Edgar Allan Poe



gabriel
Folena

Loucos



leonardo Viana

Aquele teatro alucinógeno era um convite à incoerência, que matava a todos que se viam, ainda, em pé. Muitos tombaram na reclusa opinião abissal. A vida foi degradada, minúcia a minúcia, em cada esquina, enquanto os doentes permaneceram na praça, ignorados. Criou-se então um clima hostil, onde milhares se amontoaram gélidos, a fugir das represálias da fascinação. Todos se atropelaram nos montes de escândalo, até que sucumbiram petrificados, na pérfida melancolia, envolvidos pelo medo. No fim, houve gente misturada, corpos invadidos, semblantes coléricos transitando livremente pela calçada, daquela casa de amadores condenados, apagados, por fármacos controlados. Pobres apáticos! Sob o imundo regime manicomial. Éramos loucos em hospício próprio.

tomate em pé de maçã

Dolores logo descobriu que não seria das páginas dos códigos que retiraria seu sustento. Ela tentou, bem tentou, decorar as tantas leis, mas até onde eu saiba nenhuma lei lhe foi válida. Nem os dizeres proféticos de sua avó vingaram. Repreendendo seus malfeitos, a velha dizia batendo no peito:

– A gente colhe o que a gente planta.

Dolores plantou maçãs e colheu pelo resto de sua vida tomates. Não sabia dizer de onde brotavam. Simplesmente ramavam por todo terreno de sua casa, rebentando calçadas. Praga pior que capim, dada a velocidade. Se viu de repente obrigada a abandonar estudo e trabalho pra dar conta da poda. Por dia não sabia dizer quantos quilos cada colheita. Nunca soube lidar com números. O relógio da cozinha ainda era para si um mistério. Apenas sua escoliose cada vez mais acentuada denunciava o peso das tantas sacolas que carregava dia após dia do jardim à cozinha.

A principio adquiriu o costume de comer tomate em todas as refeições. Não dando conta da produção, passou a vendê-los na feira, assim como toda receita que levasse esse fruto; de doce na compota a molho de massa fresco.

Toda manhã levantava junto com o sol e voltava pra casa apenas quando ele se punha. Não dominando a arte das horas, marcava seu tempo pela quantidade de luz e de sorrisos. Quanto mais risadas acumulava durante o dia, mais depressa corria o tempo. Numa dessas carreiras, conheceu um cliente que fez de um mês uma semana. Dolores estava, a julgar pelo rubor de suas faces, apaixonada. E o homem, a julgar pela quantidade de retornos, estava também apaixonado, ou gostava muito de tomates.

Alimentada por essa dúvida, Dolores passou a sair com o moço, e saindo, passou a beijá-lo, e o beijando, passou a amá-lo, e o amando, passou a querer que todos os seus meses fossem semanas. Passaram-se várias até que a dúvida tomasse corpo de certeza: ele gostava muito de tomates. Tomada pelo desgosto, Dolores passou a se dedicar à colheita com maior afinco. Tamanho era o afinco que, perdida entre os tomateiros, não se lembrava sequer de comer. Sua primeira paixão lhe custou cinco quilos.

Voltando à sua palidez característica, Dolores seguia a rotina de casa à feira/da feira a casa, sem nunca se desviar. Passados alguns sois e poucos dentes amarelos à mostra, ela conheceu outro homem, mais forte, embora mais calvo. Ela se certificou apenas por precaução: ele odiava tomates. Novo rubor, nova paixão. Os dias eram mais uma vez curtos.

Levados pela fluidez do tempo, decidiram morar juntos. Não podendo abandonar sua horta, Dolores fez com que o moço mais calvo se mudasse para sua casa. Já no dia da mudança se deu a separação. Do portão à entrada da casa tecia-se verdadeira floresta de tomates e o homem, como já foi muito bem certificado, odiava tomates. Com os olhos cheios de água, Dolores adentrou a floresta à procura de sua casa, mas sem conseguir enxergar com precisão, esteve perdida por um tempo que não soube medir. Sabia apenas que ao final de sua incursão havia deixado no caminho mais dez quilos.

Encovada, retornou à feira com a certeza de que não voltaria a namorar ninguém que conhecesse naquele lugar. Foi munida dessa certeza, passado longo tempo nublado, que caiu de paixão pelo açougueiro da esquina. Homem charmoso de bigode e avental. Naquela barriga protuberante encontrou seu melhor travesseiro e naquele sorriso troncho sua maior distração. Mas também o terceiro homem, por algum motivo que não envolvia tomates, não chegou a ser eterno. Ao sair pela porta da frente, lhe tomou quinze quilos.

Cada vez mais magra, Dolores ia conhecendo pela cidade novos pretendentes à eternidade. Perdeu nos dedos a quantidade de homens, e algumas poucas mulheres, que vinham e iam lhe levando sempre alguns quilos, ao ponto que, passado pela porta o último homem, Dolores enfim desapareceu.

Biografia de uma nuvem

Desde os tempos de evaporação, lhe diziam que seria moleza. “Você se sentirá mais leve. Olhe para cima e terá estrelas. Para baixo, as montanhas e rios, crianças correndo no campo, casais de patos, etc.” Ela nem desconfiava que não seria bem assim.

Quando deu por si, estava subindo aos céus e algumas horas depois era uma nuvem feita de uma coisa fofa e orgânica. Adeus, vida antiga de lençol freático, raízes e folhas da figueira!

Finalmente estava se distanciando da floresta amazônica. Era legal por lá. Tinha muito verde, às vezes era nauseante, mas a música era perfeita — pássaros de todos os naipes, macacos e a chuva. Vivia longe das serras elétricas, morria de medo do pasto uniforme. Quando morava na figueira, ouviu de uma conversa entre seiva e caule que “os dias da floresta estão contados e as nuvens deixariam de subir, causando uma seca das brabas lá no sul.” Não entendeu bem o significado daquilo, mas sempre tremia quando sentia uma árvore ser derrubada. Uma árvore derrubada era a morte de nuvens em estado fetal, nuvens abortadas.

Refletiu sobre tudo isso enquanto subia. Achou que iria até o limite da atmosfera, era muito tonta. Finalmente, estava vivendo. Era divertido ser leve, se deixar levar pelo ar. Conversar com outras nuvens fazia parte do processo. Encontrou uma escura e chateada, que gritava trovões e palavrões em uníssono. Havia uma gelada, bem pesada, que sofria de depressão e tinha medo de altura.

As primeiras cidades foram tranquilas. Vilas, estradas até certo ponto, algumas fazendas, mas muitas árvores e alguns riachos entrando em trabalho de parto.

Lucas Litrento

Aos poucos, foi se assustando com a uniformidade e a falta de verde. Tinha muita gente, mas cadê os pássaros? Cerrou os olhos e viu um pequeno filhote de arara azul dentro de uma caixa feita galhinhos cortados, não conhecia a definição de gaiola. Por que prendem os animais mais livres, aqueles que podem voar? Se não sabem como é sentir o que sentem os voadores, que sonhem. Pra que privá-los? Aquilo a entristeceu. Na manhã passada, parecia um sorvete de três bolas. Depois daquele choque, era só um amontoado distante de fumaça e massa aleatória. Estava dispersa.

Muito asfalto, tijolo, cinza e telhado. Passou a olhar para cima. Encontrou uma nuvem esquisita na escuridão vasta. Era meio rosa e tinha muito brilho em sua volta. Ouviu uma voz distante gritar “é uma nebulosa, filha! Aproveite enquanto consegue vê-la. As anciãs dizem que a Grande Nebulosa salvará o mundo de todo o mal. É uma visão abençoada.” Mesmo assim, seus olhos eram puxados para baixo, pois por mais que o *além da atmosfera* fosse novo e lindo, o que ela via abaixo era muito irreal de tão absurdo e antinatural.

Duas garotinhas apontavam para ela e corriam para buscar baldes. Corriam com muita dificuldade devido à magreza, mas estavam felizes porque logo após uma reza sincera e derradeira viram uma nuvem escurecida. Capatazes expulsavam índios de suas terras sagradas com bala e sangue. Grandes locais fechados abrigavam animais que em breve seriam mortos, tamanho o pavor das centenas de porcos espremidos...

Quando deu por si, parou de se deixar levar pelo vento. Um avião cortou seu coração, toda a raça humana. Chorava.

Assim morreu. Chovendo, como todas as outras da sua espécie.

elysium

jogo palavras no papel
como quem lança cinzas ao espaço
num voo pós-morte

depois de pronto
não mais que uma ilusão
o que se vê é brilho aeroespacial
matéria em órbita
estrela cadente

quando as primeiras cinzas de Elísio
entrarem na cápsula de alumínio
sua matéria pesará menos
que um grama

amanda
Prado

Prédio vazio
 Cortinas ao vento
 Entre o álcool e o vício
 A luz que se expande
 Machucando a retina
 E a força de vontade.
 Afogo-me em desgraças
 E saio sorrindo
 Não sei se o mundo não me merece
 Ou se já não valho nada
 Como queria que pulmão brotasse
 Que nem laranja no pé
 Eu doente
 Sequer subo as escadas
 A alma intacta
 Devassa me prende em dúvidas
 Termina à deriva dos sonhos interrompidos
 enquanto meus órgãos falham.

Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama.

Ele não tinha sido transformado em um inseto gigante.

Desapontado, o pequeno velociraptor começou a chorar, e a preparar-se para entrar novamente no tempo dos sonhos.

. . .

Samsa era um membro da elusiva casta conhecida como oneironautas. Viajantes dos sonhos – pessoas que, desde a aurora dos tempos, eram capazes de dominar seus próprios sonhos e torcê-los como queriam.

Para elas, as paisagens dos sonhos podiam ser portas para realidades alternativas. A maioria destes lugares podiam ser acessados à vontade por pessoas desta casta. Contudo, nem todos os lugares podiam ser acessados tão facilmente e menos lugares anda podiam ser alterados.

Samsa fazia parte da minoria que, com sua mente, podia viajar para outras realidades e tornar-se um com elas. Ele já o tinha feito tantas e tantas vezes, como naquela onírica série de escapadelas noturnas que vieram a ser conhecidas por seus irmãos e irmãs oneironautas como seus Sonhos Jurássicos. Que foi quando ele acordou como um besouro do tamanho de um homem.

Mas não era assim tão fácil.

Em algum lugar ao longo dos corredores oníricos, Samsa tinha perdido seu corpo original. Agora ele estava tentando permutar seu corpo de volta.

Outras Metamorfoses

Traduzido do inglês por **Pedro Fortunato**.

Não uma tarefa fácil, porém

Ao mover-se através dos caminhos dos sonhos, uma oneironauta deve estar sempre alerta, para que não seja varrida pelas subcorrentes e perca-se em memórias, sonhos, reflexões. Pois, uma coisa é trocar de corpos, outra (não menos frequente e não menos perigosa) é permutar as mentes.

Felizmente, isto não tinha acontecido com Samsa. Não que ele pudesse ter total controle disto.

Porém, ele deveria ter mais cuidado. As oneironautas exploravam os caminhos dos sonhos em busca de criminosos e criminosas em potencial, pessoas que usassem suas habilidades para ganho pessoal e arriscassem destruir o tecido de todas as realidades.

Assim, quando Gregor Samsa acordou numa manhã de sonhos intranquilos, achou-se em sua cama, transformado em um pequeno dinossauro.

Não é isso, pensou.

Tempo dos sonhos novamente.

Foram-lhe necessárias meia dúzia de tentativas até que ele conseguiu recuperar seu confortável corpo, alto, esquelético e macilento, com seus olhos escuros e altas maçãs do rosto.

O que realmente seria ótimo, não fosse por uma pequena questão. Assim, quando Josef K. acordou numa manhã de sonhos intranquilos, achou-se no corpo de outro homem. Ele foi imediatamente preso e levado a julgamento. Ele nunca soube o porquê. ¹

fábio
Fernandes

¹ Nota do tradutor: O autor do conto afirmou durante um seminário de tradução que esse conto foi escrito tomando o feminino genérico como regra para os adjetivos relacionados à casta oneironauta (no original, oneironaut), ao invés do tradicional masculino genérico da gramática portuguesa. Por isso, traduzi “uma oneironauta” e “as oneironautas”.

Expire

Meitor. Monteiro

Inspiro o quanto posso do ar que me circunda, enquanto tento me concentrar. Meu corpo treme como se eu estivesse sem camisa em ambiente de frio intenso. O dia estava ensolarado. Pularei no trampolim. Não deveria ter subido tão alto. A distância da piscina é de dez metros e em caso de qualquer falha de técnica, coisa improvável, pois tentei aprender com muita atenção, eu posso me machucar feio.

Deixo meu corpo cair. Do alto, a queda, o medo, a vida. Tão árdua a escalada para chegar até o topo. Poucos acompanharam cada passo de minha subida. Tanto trabalho para desabar no fim. Os desafios que me foram lançados não me prepararam para este momento.

Tenho que me manter calmo. As dificuldades que enfrentei para chegar aonde queria não importam agora. Talvez a mais brilhante das trajetórias atenuasse o impacto, mas esse não é o caso. Não acredito que essa rota de colisão possa ser atenuada.

E pensar que eu sempre me preocupava com míseros detalhes, que os outros martelavam em minha cabeça. Se pudesse escolher, eu provavelmente escolheria um caminho mais fácil. Desde que o resultado fosse o que eu estou esperando obter no final.

Lembro agora de meu pai sorridente batendo levemente em meu ombro com felicitações em minha primeira conquista. De minha mãe toda orgulhosa. Meus irmãos contentes pelo meu feito.

Quando minhas conquistas foram se avolumando, eu não notei, mas fui me distanciando deles. Novos amigos agora batiam com força em meus ombros. Minha namorada se orgulhava dos meus feitos. A minha família ainda estava contente, mas os sorrisos desaparecerão tão logo eu afunde.

Eu devo estar tentando me enganar. Não estava preparado para esse salto. Não devia ter insistido em provar a todos do que eu sou capaz. Há tempos que não sou capaz de nada notável. Sinto que está chegando a hora.

Mantenho o ar como se fosse um refém. Minhas mãos se chocam contra a água. Minha cabeça toca a água que me suga como se fosse um vampiro. Sedenta água, que mata a sede. Que ela não se sacie comigo. Que eu consiga fazer da queda um triunfo da vida.

O ar que continua a manter sobre meus domínios. Eu preciso continuar com esse refém. É o ar que me mantém vivo, enquanto continuo a afundar. Preciso voltar à superfície antes que a água me invada e meus pulmões se esvaziem. Eu não preciso de mais uma fuga em minha vida.

se esperar-me por cem dias e
principalmente por cem noites
serei tua disse apollonia

então tristão pegou seu banquinho
e se pôs debaixo da torre
fez ioga tai chi palavras cruzadas

tomou vinho cerveja conhaque
sol chuva noite neblina
dançou fumou deu carnaval

então na nonagésima nona noite
pôs-se de pé vestiu sua armadura olhou as
nuvens
montou seu cavalo e nunca mais olhou pra trás

apollonia

Pica

jaci
henrique
de Almeida
Souza

Tudo foi feito para ele, por ele. Sem ele nada faria sentido, não haveria sentido. Todos os outros ficariam perdidos, sem forças, sem norte, sem luta. Por ele andamos, comemos, dançamos, choramos, adoecemos, trabalhamos, seduzimos, sangramos, construímos, levantamos, aplaudimos, suamos, competimos. Ele determina quem somos: mulheres, negros, homossexuais, índios, mendigos, crianças, idosos. Nos vestiu, maquiou, pintou, definiu corpo, atribuiu perfeições e imperfeições. Com força e violência, ele nos criou e disse para acreditarmos. Ele nos cria e nós nos criamos e doutrinamos nossos semelhantes para não esquecer quem é ele, quem somos diante dele. Engolimos inicialmente seco, mas inúmeros estupros fazem como que a boca aprenda a salivar na hora da penetração até então indesejada. De inconveniente passa a aceitável. Passa a desejado. Aprendemos a colocar na boca sozinhos e a enfiar nas pequenas bocas que não sentiram o seu sabor. Mas eles nascem todos os dias. Produzidos para dominarem e para submeterem. Criados para serem de todos os tipos e formas. Para que se entendam, para unirem contra nós mesmos. Sozinhos não são nada, unidos se entendem como alguma coisa. Pois estes são algo. Assim como lhes foi dito. E isso é bom. Ele não sobe mais.



Do pântano
mo mangue

No pântano, além das ladainhas diurnas das plantas aquáticas poderosas
Profundas

Além das formas de vida que ali se adaptam
Das patas rígidas, ferros e pontas escuras amoladas pelo sol
Garras em foice de cobre castanha e casca martelinha

No pantanoso mangue flexível dos trópicos
Do suor das cobras coradas que escapam entre os seios
Atrás da orelha, beijando a nuca

Os peixes venenosos e as aranhas de saia vermelha
Salpicadas de graduais bolinhas verde musgo
Carregadas no ar quente e úmido do lago

Despencam de braços abertos na corrente as águas vivas
Descendo a baia morta pelo lixo cuspidos dos prédios suntuosos
Nas águas frias que espelham as luzes da baia acesa
Pelo luxo cuspidos dos prédios antenas

==

No próximo nível do rio abaixo a ponte é passagem
Do lindo rio que nutre o olho de hidro no trilho é paisagem
E passam, passam, não afogam no fundo da vida
Da água viva água

No mangue pra conseguir passagem nas bermudas de lama
Cicatrizar a cuca do grude das grandes ligas internas da vasta área movediça
Descamada nos cinzas astrais azulados de plástico
É preciso fazer ligeiro caminho de caranguejo dourado

No mangue escuro, pra sobreviver aos mosquitos pescoço inchado
Às teias de aranha que tecem remendas de saias vermelhas santrópicas
Ver o livro das árvores enroladas em letras mascadas escondidas em seiva travessa
Marrom sépia verde egípcio
Secretas seringas mariscas
É preciso pra isso
Fazer buraco hermeticamente enfaixado
Com saídas falsas no meio nos lados no centro dos traços dos ralos
Deixar pistas mal-ditas de poucas caixinhas
Laudas e linhas de cabeça pra baixo

Com amarelos bordados no canto das folhas das árvores fininhas e tiras de couro de porco
esquadrado e pendurado em disfarce
Rolar-se melar e proteger na lama o caminho do leiteiro que espreme o rio
Na fuga das poças, velhas poças borbulhantes, e seus vapores das entranhas de dizeres que
estouram e predicam

Já os prédios só nos aparecem em fléchs nas ondas em balanço, reverberam, reverberam,
reverberam das hélices enferrujadas das barcas motorizadas que passam e passam
cegamente, no breu da lagoa estrelada

Lá o ar-condicionado extremo bafo externo
Não será regulado de acordo com humor do convidado fraterno
Cá, o cheiro salobro pra salgado de pra sempre diz só:

Do mangue vejo a cidade
Na cidade vejo só uma miragem



sacudidos
no mar
pelo mar
e para o mar



há pouco éramos astrônomos
orbitando um desterrado horizonte de eventos
guiados por constelações inacabadas

agora estamos numa pequena jangada
sacudidos no mar pelo mar e para o mar
o sol nos desidrata e nos ilumina
a noite faz os nossos ossos tremerem

flutuamos rumo a um farol
mas não saímos do lugar
não adentramos mais ao mar
nem chegamos ao farol

mais adiante mais ao horizonte
vemos borrões de nós mesmos
acenando para aqueles na jangada...

eliaquim
timóteo
da Cunha

esquecemos a janela aberta - carta -

nojo de tudo o q me lembra
construo durante meses esse ódio gratuito
mas ligando os pontos foi mesmo armação tua

um momento de acaso n te salvará
está tudo acabado e sinto isso quando
deito em minha cama e n há ninguém
dormindo no chão do quarto

eras visita bem planejada
uma traição n esperada
ele nem sabe o q houve
sua pessoa é fraca tua paixão incolor
sucinta. desde o momento que se deitasse gozaste
com meu homem e eu estava lá. escondida
leveei meses para sentir oq sozinha não era tao bom

ele se apaixonaria. eu sei
e faço questão desse ódio
porq conheço melhor o corpo do odio
- os braços as pernas os olhos odio
esse odio para nunca mais voltar atras
n correte não gritaste pela vida

jamais sera tua traição
que me ferirá
é essa tua falta de luta
de seriedade de vida de ação

ficaste ai pelos cantos lamentando o meu amor
minha vida não fostes à luta andastes no escuro
e sozinha
n me revelou nem correu
n fugiu n correu
deverias ter o quanto antes sumir
esquecemos a janela aberta
a amizade escapou. Fugiu
não te suportou

sem cigarros, é tudo mijo

Deixei o prédio de Daniela assim que ela jogou a tábua de passar nas minhas costas. Assumi minha parte Papa Léguas sem pudor.

Onde porra eu estava?

Havia deixado os meus cigarros na casa dela depois daquela meia-noite que só acontece a cada quatro anos. Sentei num banco. Era um barzinho que marcava a saideira dos bêbados na madrugada. Não que eu estivesse bêbado, mas estava a caminho disso. Comecei a degustar uma cerveja com gosto de mijo. Estava meio quente, mas me descia como um Johnny Walker. Meus olhos de criança cujo doce foi roubado não escondiam o lamento pelos cigarros que tinha deixado com Dani e eu sabia que ela não fumaria nenhum deles.

Queria aqueles cigarros com o pouco de força que me restava às duas da madrugada. O único garçom do lugar me olhou duas vezes e teve certeza de que eu não poderia pagar nem a cerveja, que dirá os cigarros que ele pensou em me oferecer. Entornei o último gole da cerva e não duvidei do que faria a seguir.

Eram duas opções, na verdade. Voltar à casa da fera e buscar os soldados ou fazer amizades pra passar o tempo. Decidi pela segunda pra evitar a fadiga e já bastava uma banda que parecia Pablo ser a melodia do boteco pra acabar com a minha noite.

“Meu patrão”, eu disse, “Muda essa trilha sonora”.

“Que nada, essa galera gosta é do sofrimento”.

“Eu não gosto”.

Ele me olhou pelo canto do olho e senti um quê de respeito direcionado a mim que nunca fui capaz de entender.

Meio malandro, meio bêbado e malandro bêbado por inteiro, eu me aproximei de uma daquelas góticas. Destoava de todas as outras. Gostei dela por causa disso. E também parecia uma caipora. Soltei o famigerado olhar quarenta e três – e nem sei por que ele leva esse nome – e ela sorriu de volta, feito a menina do Crepúsculo ou só sob o efeito de uma balinha. Ela bateu duas vezes na cabine telefônica e eu tive certeza do seu estado mental. Sorri como se ela estivesse tão bonita quanto uma bailarina do Soleil. Ela me respondeu com um riso de velha do interior nordestino. Gargalhei.

josué Seixas

“Quer um?”, disse ela oferecendo um cigarro que era parente de um charuto cubano.

“Na hora”, respondi.

Com a sensualidade de uma onça tripé, ela colocou o cigarro na minha boca e acendeu o isqueiro enquanto eu inalava aquela delícia. Branco é paz. Descia, não a fumaça, mas uma calma que talvez fosse insuperável até pelos cigarros irmãos do crack que abandonei com Daniela. Se ela fosse fumá-los, pelo menos, nunca alcançaria o prazer que alcancei com os cigarros daquela gótica que nem lembro o nome. O garçom começou a recolher as mesas. Ajudei ele em troca de uma carteira dos cigarros sinônimos de prostituta do Jaraguá que o boteco não tinha vendido. Eu sabia que passaria o outro dia tremendo e suando frio se não colocasse as mãos nuns daqueles, na real. E acabei me dando conta de que não sabia em que dia estávamos.

“Parceiro, que dia é hoje?”, eu perguntei.

Ele deu uma batida no meu peito e sorriu da minha incapacidade.

“É segunda-feira, cara”.

Recebi as carteiras e me alegrei.

Mas acabei devolvendo.

Tinham a imagem da disfunção erétil no verso.



a todos os homens
que não me amaram de volta

para Marla Singer

karen
Pimentel

- naquela noite eu disse que queria fazer um aborto seu,
disse Marla.
nunca foi mentira:
Nunca.
naquela noite,
eu deixaria jorrar sua porra dentro de mim;
eu deixaria crescer,
em mim,
qualquer merda que viesse de você:
a sua baixa autoestima;
a sua culpa cristã;
o seu medo da morte.
eu sou a ereção do Joe;
eu sou a sua ereção;
eu sou a ereção de todos os homens que não me amaram de volta.
naquela noite,
eu deixaria cair em mim:
todos os seus traumas de infância;
todos os seus amores não correspondidos;
todos os seus planos frustrados;
todos os seus prazo perdidos.
naquela noite,
eu disse que queria fazer um aborto seu &
eu fui o aborto.
a pílula-do-dia-seguirte que me sai sangue
pelo buraco do meio das pernas
desde aquela noite,
em que eu disse que queria fazer um aborto seu &
me abortaste,
rompendo a bolsa
que ainda me prendia a você:
com líquido amniótico e tudo;
me lambendo e tudo;
me chupando e tudo:
eu sou a ereção de todos os homens que não me amaram de volta.

vejo o cultivo das sobras
vejo das forças apenas sobejo
vejo o caminhar pro futuro
e cada passo dado procriar um filho
e cada filho
vadio

todos de viúva natimorta
ensandecida
e indigesta ainda
dos pavores mundanos compilados em um toque
no mundo

Mácllen
Luan

Idos
homens

meu corpo de porco

com tuas mãos sujas de sangue
você me toca como um açougueiro
toca um porco que será desossado
com tuas mãos sujas de sangue
você parte meu peito que pulsa

você fere minha carne que treme
enquanto o suor que cai do teu corpo
suja muito mais que minha pele
atravessa meus músculos como
ácido penetrando meus ossos

você me toca como um açougueiro
você me parte como a um porco
com tuas mãos sujas de sangue
deslizando pelo meu corpo
só o nojo o medo e o ódio

sobre os autores

Carla Andressa

Carla Andressa de Andrade Motta Martins é aluna de História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

antônio LaCarne

Antônio LaCarne é cearense e autor de "Salão Chinês" (Patuá, 2014). Assina o blog pessoal O Impenetrável (oimpenetravel.tumblr.com)

geovanne otavio ursulino

escreve no blog Amorfo Poema: www.amorfopoema.tk
e-mail: g.o.ursulino@gmail.com

alberto lins caldas

publicou os livros de contos "Babel" (Revan, Rio de Janeiro, 2001), "Gorgonas" (CEP, Recife, 2008); o romance "Senhor Krauze" (Revan, Rio de Janeiro, 2009) e os livros de poemas "No Interior da Serpente" (Pindorama, Recife, 1987), "Minos" (Íbis Libris, Rio de Janeiro, 2011), "De Corpo Presente" (Íbis Libris, Rio de Janeiro, 2013), "4x3 - Trílogo in Traduções" (Ibis Libris, Rio de Janeiro, 2014) com Tavinho Paes e João José de Melo Franco) e a "A Perversa Migração das Baleias Azuis" (Ibis Libris, Rio de Janeiro, 2015). Blog: www.poemasalbertolinscaldas.blogspot.com

Mácllen Luan

vive em Maceió, é professor de História e graduando em Letras pela Universidade Federal de Alagoas.

wilton Cardoso

é funcionário público e poeta. Mora em Goiânia-GO. Tem poemas e ensaios publicados na revistas Zunái, Diversos Afins e Linguasagem. Publica seus poemas e livros no blog Poesia Agora [wiltoncardoso.blogspot.com.br].

sana iris Santos

Vive em Maceió, é graduanda em Zootecnia pela Universidade Federal de Alagoas e escreve no blog Concha Poema: conchapoema.blogspot.com

amanda Prado

Doutoranda em Estudos Literários, escritora e integrante do Elisa.

paulo César Moreira

Vive em Maceió, é astrofísico, músico e estudante de História.

bárbara Bento

nascida em 1993, Maceió-AL, reside no município de União dos Palmares, mesmo estado. Bacharela em Serviço Social, pela Universidade Federal de Alagoas, adora escrever no seu blog "A doce intuição de Vênus" e troca facilmente chocolate por livro.

gabriele Rosa

estudante do curso de História pela UFRRJ, grafiteira carioca e pesquisadora do Graffiti como Heterotopia múltipla.

karen Pimentel

Karen Pimentel, Maceió, 1995, tem dois poemas publicados na Alagunas #7. Escreve no blog: www.entreosilencio.wordpress.com

richard Plácido

Richard Plácido é escritor. Em 2016, publicou o livro entre ratos & outras máquinas orgânicas, pela Imprensa Oficial Graciliano Ramos.

mariana Basílio

é poeta. Autora de *Nepente* (Giostri, 2015). *Antropofagias* é a seção inicial de seu novo livro, *Sombras & Luzes* (lançamento em novembro, Penalux). Tem poemas em revistas do Brasil e de Portugal como Inefável, Limbo, Raimundo, Garupa, mallarmargens, Germina, InComunidade, entre outras.

philippe Wollney

é poeta produtor cultural e pai de Nina. Reside em Goiana (PE) e coordena o selo editorial Porta Aberta e o Coletivo Silêncio Interrompido. Tem publicação em sites, blogs e revistas de literatura. Seus livros recentes são *caosnavial ou o sabor sujo* (2016), *Mas esse ano eu não morro* (2016), *Não Há Abrigo ou poemas para desastres sentimentais* (2016) todos de poemas e publicados pelo selo Porta Aberta. Contato: facebook.com/Philippewollney

gabriel Folena

estudante de História na UFRRJ. Costuma despejar seu (sub)consciente em cidadeadesaturno.wordpress.com

josué Seixas

é maceioense, alagoano, nordestino. Brinca com as palavras e busca o seu espaço no mundo que a elas pertence. Assina a página Um trocado por uma história. link: facebook.com/umtrocadoporumahistoria

heitor. Monteiro

Nascido em 1984, na "Celula Mater da Nacionalidade", São Vicente, cidade litorânea da baixada santista do estado de São Paulo. Mudou-se com a família para Alagoas, em 1994, radicado na cidade de Maceió, estuda na Faculdade de Letras (Inglês) da Universidade Federal de Alagoas. É tenor do Coro da Universidade Federal de Alagoas (Corufal). Apaixonado por filmes e literatura, mantém, mesmo que a passos de tartaruga, um canal no Youtube, MOLUNGUSY, onde tece comentários de filmes de sua coleção, enquanto busca aperfeiçoar sua escrita.

matheus José Mineiro

1988, da Zona da Mata de MG. Autor do livro *A Cachoeira do Poema Na Fazenda do Seu Astral*, Selo Tomate Seco/2013. Integra a Oficina de Experimentação do Poema/MG. Produz artesanalmente e expõe em eventos culturais e calçadas a Apologia Poética. Já participou de eventos como Amostra Grátis/Geringonça/Norte Comum, Poesia F.C/Sesc Campinas, Off Flip/Paraty, Festival de Inverno de São João Del Rey/MG, Alt Fest/Fliporto, Mostra Poesia Agora/Museu da Língua Portuguesa/SP, Oficina Experimental de Poesia e diversas publicações impressas e eletrônicas. A Editora Urutau prepara seu próximo volume de inéditos para este 2016 com o título *Galáxia Pupila*. Blog: www.apologiapoetica.blogspot.com

tiago D. Oliveira

de Salvador-BA, professor e pesquisador, estudou letras na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e na Universidade Nova de Lisboa (UNL). Tem poemas publicados em blogs, portais, revistas e jornais especializados no Brasil e em Portugal. Publicou o livro de poesias, *Distraído*, em 2014 e um novo trabalho, *Debaixo do vazio*, em 2016. Blog: tiagodoliveira.wordpress.com E-mail: tolidiasum@gmail.com

lucas Litrento

de Maceió, tem dezenove anos. Cheio de projetos literários que não saem da sua cabeça. Cursa Jornalismo na UFAL. Tem uma banda de indie-rock- progressivo-samba- blues chamada Guaxinins (fb.com/bandaguaxinins), onde desenterra uns poemas, colocando-os ao lado de stratocasters.

leonardo Viana

Biólogo por formação e amante da boa literatura. Tem as palavras como fortes aliadas no processo de armazenamento concreto de pensamentos críticos e explosões sentimentais, buscando gozar, por meio delas, do direito à liberdade de expressão. Rede social: facebook.com/leonardo.viana.73 E-mail: leonardo.silva.viana@hotmail.com

pedro Fortunato

Nasceu em Natal-RN, no ano de 1988, mas atualmente reside em Maceió. Formado em Letras - Inglês, pela Universidade Federal de Alagoas, é, atualmente, aluno de mestrado em Estudos Literários pela mesma universidade. Interessado em tradução e teoria literária, traduziu para o português um capítulo do livro *Scraps of the Untainted Sky: Science Fiction, Utopia, Dystopia* (2000), do professor emérito Tom Moylan (University of Limerick). Essa tradução tornou-se um dos capítulos que compõem o livro *Distopia: fragmentos de um céu límpido* (2016), lançado pelo grupo Literatura e Utopia e publicado pela Edufal.

luna Salazar

Nascida em Maceió, em 1990, é graduada em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco, estado em que morou por uma década. Hoje, vive em sua cidade natal. Escreve em seu blog pessoal: lunasalazarpoemas.blogspot.com

sara Albuquerque

sobrevivente em Maceió/AL, nasceu em 1990. É artista.

Exerce como hobbies a advocacia e o serviço público (trabalha na Editora da Universidade Federal de Alagoas).

Tem publicados os livros infantis "O Segredo do Rio Mundaú"; "Ei, você viu Luizinho?"; e "O embrulho misterioso de Nina", todos vencedores dos Editais de livros infantis, promovidos pela Imprensa Oficial Graciliano Ramos (IOGRAM); e o livro de poemas "que inoportuno esse medo de ser" (Prêmio Literário Línguas e Amigos 2016). Ganhou algumas coisas na vida, mas as melhores delas não cabem no lattes. Fanpage: [/sarareginaalbuquerquefranca](https://www.facebook.com/sarareginaalbuquerquefranca). E-mail: albuquerque.sararegina@gmail.com.

eliaquim timóteo da Cunha

Rabisca rascunhos sob reticências nômades. É antropólogo e vive pelo lavrado de Macunaíma e Insikiran, Roraima. Publicou alguns rascunhos na revista Alagunas (www.alagunas.com)

lisley Nogueira

Nasceu em Maceió. Escreve, fotografa e ilustra. Participou da antologia poética *6 U N I V E R S O S*, da organização dos ebooks *MONANTO* e *#dourbanoqueháem nós*; é uma das idealizadoras do Ignoto Projeto Literário. Possui textos de sua autoria publicados na Revista Alagunas *#Pater* e *#Peste*; na Revista Mallarmargens e assina o www.lisnogueira.prosaeverso.net

marcus Vinicius

alagoano, teve a infância regada entre Maceió (onde nasceu) e Arapiraca (casa da vó); formou-se em ciências sociais (graduação) e sociologia (mestrado) na UFAL, mas hoje percebe que tudo de mais importante foi aprendido fora da sala de aula; em 2015, publicou poemas e prosas em *Tartamudeios* (2015) pela Imprensa Oficial Graciliano Ramos; atualmente, escreve versos esporádicos (alguns desnudados em tartamudeos.blogspot.com); e fermenta a ideia de escrever um romance. contato: marcusvinicius.als@gmail.com

felipe Barbosa

professor e mestre em
História; e escritor.

joão Anyways

nascida em noventa e cinco, estuda Letras na
Universidade Federal de Alagoas. aventura-se
através das palavras desde criança e encontrou na
poesia solo fértil para crescer suas raízes. gosta de
esbarrar em outras almas entre uma dor e outra.
facebook: <https://www.facebook.com/jhewess> e-
mail: joaovhds@gmail.com

gabriela Hollanda

tem 21 anos e algumas mortes. É maceioense, alagoana,
nordestina. Publicou seu livro de estreia - Monocromático
- pela Imprensa Oficial Graciliano Ramos. Gerencia um
canal de crônicas de nome Macondo Alagoana
(<https://macondoalagoana.wordpress.com/>).

MLuiza Villela

Gaúcha de Porto Alegre escolheu Maceió para viver.
Pedagoga atuante como professora, coordenadora e gestora
na rede pública em Educação Infantil, entende que a
literatura deve ser apresentada para crianças desde a mais
tenra idade. Integrante do Laboratório Sesc de Literatura nos
anos de 2014 e 2015, também participa dos momentos
oferecidos pelo Arte da Palavra /Sesc Alagoas. Atualmente
dedica-se a escrita contando pequenas histórias do cotidiano,
poemas e fragmentos poéticos em sua página no facebook,
MLuiza Villela, tem projetos para livros infantis com texto e
ilustração de sua autoria. Participa da publicação virtual
#dourbanoqueháem nós com os textos, #20 cachorros no
funeral e #Viagem, produzido pelo selo Ignoto Projeto
Literário.

ae

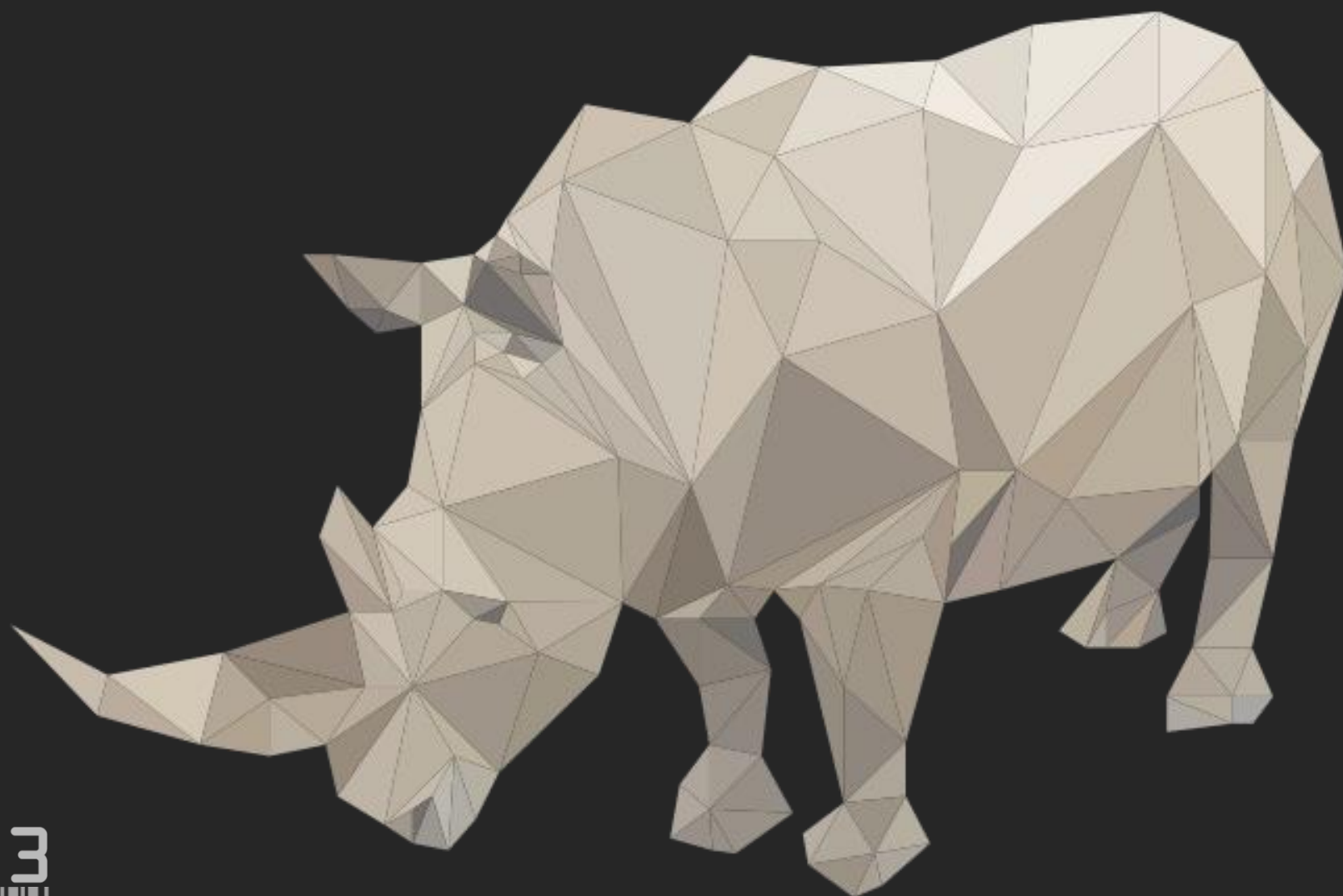
DE ZEMBROS

dezesseis

Dezembros é uma antologia organizada por Pat Lau, poeta e conselheira editorial da Revista. Este ano, chegaremos à segunda edição da antologia, idealizada para ser publicada anualmente, no mês de dezembro. A *AE: Dezembros16* irá ao ar no dia 23 do último mês de 2016. Acompanhe mais informações e a publicação da antologia através de nosso site e redes sociais.

alagunas.com/
dezembros

revista.
de criação
literária



ISSN
2447-1003

